





Fialho D'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Critica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

A' venda nas Livrarias:

Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic.

LIVROS NOVOS:

De J. Leite de Vasconcellos:

Lições de Philologia Portuguêsa.

Textos Archáicos (2.^a edição).

De Gonçalvez Viana:

Vocabulario Orthogárfico e Orthoépico

De Epiphânio Dias:

Os Lusíadas, de Luis de Camões, edição critica.

Grammática Histórica da Lingua Portuguêsa (no prelo).

Livraria Moderna

TYPOGRAPHIA-PAUTAÇÃO-ENCADERNAÇÃO

Completo sortimento de livros escolares;
litteratura, sciencias, poesias e jurisprudencia

Grande deposito de livros em branco em todos os formatos

A casa que mais sortimento tem em papelaria, artigos para escriptorios
e desenho. ARTIGOS DE BAZAR

Vendas a dinheiro

SABINO SILVA

Rua João Alfredo 86 Pará

Endereço Telegraphico Moderna, Caixa postal 26

Livraria Academica

RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO.

Trabalhos typographicos de primeira ordem

Pará-Chic

LIVRARIA

DE

M. FREITAS & C.^A

Revistas, Postaes, Musicas, Instrumentos, Fabrica e
Depósito dos deliciosos cigarros "COMMERCIO
PARAENSE", Variadissimo sortimento de
livros sobre sciencias, artes, indus-
tria, direito etc, dos mais re-
putados auctores.

Rua Cons. João Alfredo, 83

Para

Adquirido na administração Raimundo Morais.
Biblioteca e Arquivo Público do Estado do Pará,
6 de Março de 1933.



Espíritos theóricos

ESPÍRITOS PRÁTICOS

(sob o ponto de vista
do ensino superior)

Um dos problemas da pedagogia que permanece, em nosso paiz, sem solução satisfactoria, é o da organização e methodização das sciencias, ministradas nos gymnasios. A importancia d'este problema está em que elle envolve o problema da sciencia, e envolve ainda o problema do aperfeiçoamento da existencia humana. No primeiro numero desta *Revista* (1) já abordamos este assumpto sob um ponto de vista geral. Continuamos a vê-lo na sua face de conjuncto e insistimos, hoje, sobre as ideias emittidas, juntando algumas notas de um novo argumento para o fim de mostrar, no ideal pedagogico, a unidade da sciencia

Entre os pensadores e cientistas actuaes nós podemos differenciar duas especies de espiritos. Considerando-os em relação á ordem de estudos a que se dedicam, á especialidade a que se cingem, confrontando a attitudo prática mantida com a attitudo theórica, as manifestações das suas ideias em relação á sciencia, em geral, dividimol-os em dois grupos: espiritos theóricos e espiritos práticos. Os termos da classificação

1) Setembro de 1911—*A Philosophia na cultura scientifica*

não se entendem aqui no sentido vulgar. Espiritos theóricos não são somente aquelles cujo campo de estudo é o opposto da prática. O característico d'esta classe de pensadores é o illimitado da investigação para dar um fundamento geral aos problemas da sciencia. Elles não se restringem aos limites de uma ou varias ramificações do saber; buscam, além, uma concepção de conjuncto, uma concepção geral do pensamento, da natureza, da sciencia integral, para o apoio das investigações. É esta uma tendencia natural que já notáramos anteriormente. (2) São os philosophos os que a seguem, e procuram escalar todos os obstaculos para chegar á mais elevada região da sabedoria. Os espiritos theóricos distinguem-se dos espiritos práticos não pelo genero de estudos em que se entretêm, podendo ser de qualquer especie, physicos ou moraes, mas porque não se limitam ao dominio da sciencia particular que faz a sua especialidade. Frequentemente elles passam das mathematicas, da physica, da chimica, da biologia, ao dominio da especulação pura.

Os espiritos práticos são aquelles que, em qualquer especialidade em que investiguem, não transpoem os limites da sciencia particular; todo o seu esforço se atem ás fronteiras de certa parte do conhecimento, sem o tentamen de buscar mais longe um fundamento superior aos seus principios. Os espiritos práticos são quasi sempre preocupados das sciencias physicas, em todos os seus departamentos, e absorvem-se inteiramente nas perquirições experimentaes.

Dada a noção da classificação estabelecida, que importancia para o ensino tem a distincção dos diversos espiritos? Releva notar, em primeiro logar, que a distincção feita corresponde a uma observação real dos entendimentos. Deduzida da analyse das theorias e doutrinas dos scientistas, ella se estende a todos os homens susceptiveis de cultura. Si as duas qualidades oppostas apontadas existem na intelligencia dos homens, devem existir, ao menos em propensão bem definida, entre os jovens cultores da sciencia. Seria um erro, evidentemente, não tel-as em vista na educação, como dados necessarios do problema da pedagogia.

No ensino primário ou elementar a distincção dos entendimentos não tem applicação pedagogica. Ella é destinada

2) Revista do Ensino.—Setembro 1911, art. cit.

ao ensino superior, aos cursos geraes de sciencia, independentes, ou preparatorios de estudos especiaes ulteriores, abraçando uma série de disciplinas as mais variadas. No curso primário as noções scientificas são rudimentares e o ensino deve caracterizar-se pelo cunho empirico; o resultado d'este estudo, sendo a base a mais solida para o curso superior, é assás vago como methodização scientifica. Este ensino deve ser semelhante á aprendizagem, que primeiro fizeram os homens, dos conhecimentos, que era toda empirica. Assim como desta sciencia primitiva os homens se elevaram, lentamente, á especulação, ao trabalho theórico, assim o curso primário deve seguir-se de um estudo mais methodico, de character mais organizado.

Os ensinamentos que constituem os cursos geraes superiores servem de transição ao espirito para uma especialização; antes da intelligencia entrar em contacto com o desenvolvimento de uma das sciencias desses cursos deve conhecer a significação de conjuncto das materias que foram professadas. Para a comprehensão racional das sciencias necessario é mostrar que todos os principios se submettem a uma unidade. Si tivermos em vista a evolução da sciencia, nós verificamos a verdade deste modo de vêr. Através da historia do pensamento o homem chega, pouco a pouco, á constituição de todas as sciencias, e depois procura entendel-as sob um plano generico; nos cursos escolares se deve visar um fim semelhante, qualquer que seja a actividade a que vá servir o ensino. (3)

O programma de instrucção deve, pois, comportar um plano scientifico em que as sciencias particulares sejam collocadas em vista da unidade da sciencia. E por sobre essa primeira methodização, cuja perfeição é preciso reconhecer de notavel difficuldade, deve ajustar-se o complemento da sciencia máxima, que forma o seu termo, o estudo da philosophia, com a qual somente a instrucção é capaz de satisfazer a curiosidade e o aneio natural do espirito. A philosophia tem o papel de mostrar que, acima dos conhecimentos isolados de cada sciencia, ha um conhecimento geral a que ellas vão tocar. As sciencias particulares não são ramificações desgarradas de uma arvore que não existe; não são systemas de regras isoladas, que se mesclam e confundem com o mais grosseiro empirismo.

3) Augusto Comte dando interpretação diferente á importancia da unificação, quanto ás consequências philosophicas, visava um fim identico, no Curso de Philosophia Positiva.

Si considerarmos as sciencias isoladamente não temos o direito de distinguil-as do primitivo estado empirico de que se originaram. A medicina, para citar um exemplo, poderá ser identificada á prática rude dos curandeiros. Esta sciencia não o é, apenas, porque existe uma *systematização* de factos de varias especies que permitem a sua prática. O periodo empirico da arte primitiva de curar póde *suppor* e *suppõe* tambem um estado de sabedoria, obedece a uma ordem, representa uma *systematização* de factos, de maneira que si nós vamos buscar o caracteristico da sciencia apenas na *systematização*, teremos de reduzil-o a uma questão de grau, de mais ou menos, o que é logicamente insustentavel.

O que dá a significação de sciencia, a certa ordem de factos, é a dependencia da investigação desses factos a um conhecimento mais alto. Vulgarmente o *methodo* é chamado a dar existencia ás sciencias particulares. O *methodo* não é mais do que um dos aspectos da concepção do *conjuncto* scientifico. Elle não existe por si mesmo, nem nasce com a sciencia especial. E' um *producto* logico, isto é, de alguma cousa que está acima dos conhecimentos particulares. A logica é a manifestação geral das sciencia, reveladora dos processos pelos quaes a consciencia chega á posse do conhecimento. Todas as sciencias recorrem aos seus dados, o que significa que todas se integram em conhecimentos superiores, que são o seu apoio e fundamento.

Claude Bernard, que é muitas vezes considerado como um empirista puro, reconhecêra que os factos não constituem por si só as sciencias. «Pour être digne de ce nom l'expérimentateur doit être à la fois theoricien et praticien. S'il doit posséder d'une manière complèt l'art d'instituer les faits de l'expérience qui sont les matériaux de la science, il doit aussi se rendre compte clairement des principes scientifiques qui dirigent notre raisonnement au milieu de l'étude expérimental si variée des phénomènes de la nature. (4) Un fait n'est rien par lui-même, il ne vaut que par l'idée qui s'y rattache ou par la preuve qu'il fournit.» (5) Assim como Claude Bernard vem em apoio das nossas idéias na questão do *methodo*, Aug. Comte pode ser invocado contra o ensino detalhado e isolado

4) *Introduction à l'étude de la médecine experimental*, p. 8

5) Ob. cit. p. 85; vêr tambem as pags. seguintes.

das sciencias particulares. Partindo d'uma concepção differente da sciencia elle viu perfeitamente os defeitos e perigos da falta de uma sciencia geral e superior na educação. «*Craignons que l'esprit humain ne finisse par se perdre dans les travaux de détail... Avant de se livrer (les savants) a leurs spécialités respectives, soient rendus aptes, désormais, par une éducation portant sur l'ensemble des connaissances positives, à profiter immédiatement des lumières répandues par ces savants voués à l'étude des generalités, et réciproquement à rectifier leurs résultats, état de choses dont les savants actuels se rapprochent visiblement de jour en jour.*» (6)

Sem assignalar os inconvenientes que provem do ensino abandonado ás sciencias particulares, em toda á sua extensão, Aug. Comte não sentiu menos os defeitos da falta de comprehensão do caracteristico essencial da sciencia. «*Il est déjà bien petit dans le monde savant le nombre des intelligences embrassant dans leurs conceptions l'ensemble même d'une science unique, qui n'est cependant á son tour qu'une partie d'un grand tout. La plupart se bornent déjà entièrement à la consideration isolée d'une section plus ou moins étendue d'une science déterminée, sans s'occuper beaucoup de la relation de ces travaux particuliers avec le systhème général des connaissances positives.*» (7)

Na unidade da sciencia se descobre a significação da sciencia mesma, e o esclarecimento do espirito que se dá depois que uma serie de relações as mais diversas foram apprehendidas em regras e normas especializadas. E' facilmente comprehensivel que si a *sciencia* é um conjuncto de todas as sciencias, ha necessidade, na educação, de ministrar aos espiritos essa concepção de conjuncto, de fazer-lhes vêr que os conhecimentos particulares não têm uma existencia separada. E' a propria sciencia que exige um tal plano de educação, sem o qual se permanece n'um estado grosseiro de ensino, semelhante ao empirismo originario, em que cada especie de conhecimento era ensinada como uma sciencia independente, e comparavel ao estudo dos cursos elementares.

6) *Cours de Philosophie positive, leçon 1^{re}, vol. I, p. 16.*

7) *Ob. e loc. cit.*

A obra de Comte não satisfiz os designios d'esta critica concorrendo antes para a separação das sciencias. Não são por isso menos claras e verdadeiras as ideias, que ficaram apagadas pela insufficiencia da concepção da philosophia positiva.

A organização científica que não considera a sciencia em sua integração, sendo inconveniente para todos os espiritos, é particularmente nociva para a classe dos espiritos theóricos. Os espiritos práticos podem auferir aproveitamento do cultivo de uma sciencia particular, separadamente; elles guardam a predilecção por uma ou mais sciencias, fundamentadas apenas por uma theoria restricta á sua especialização, sem cogitar de outros problemas, e achando-os ainda inúteis. Ao contrario, os entendimentos theóricos experimentam a necessidade de um conhecimento guiador mais alto, que permita a interpretação dos factos. Para esta ultima especie de intelligencias o pensamento parece soffrer uma elaboração tardia, e avançar a passos lentos; o pensamento tem de abraçar um circulo mais largo, comprehensivo de factos de toda ordem. Emquanto uma phase determinada não se completa, em toda a extensão desse circulo, como que a intelligencia espera, a actividade não se realiza na consciencia. O ensinamento parcellado de uma ou mais especies restrictas de conhecimentos não pode realizar um desenvolvimento do espirito, que requer sempre o progresso homogeneo abrangendo toda a sciencia.

Para os espiritos theóricos o ensino que não visa uma integração esclarecedora, é falho em seus resultados. As noções dadas em tal *systema* ficam na maior parte incomprehendidas, são elementos dissociados que se perdem na consciencia. E' toda a educação scientifica que se reduz a dados vagos e inconsistentes, sem nenhum alcance, sem valor prático ou theórico.

Os grandes defeitos que decorrem de não attender-se, consciente ou inconscientemente á distincção dos espiritos, existem em nossa educação scientifica, nos programmas dos gymnasios. A philosophia, desdobrada na psychologia e na logica, como sciencias methaphysicas fundamentaes, ou a comprehensão superior da unidade da sciencia, falta ao nosso ensino. A nossa educação visa, assim, o destino rudimentar da sabedoria humana, comprehendido nos fins restrictamente industriaes e empiricos.

R. MOREIRA DE SOUZA





História da Terra

[DE L. BROTHIER, trad. especial para a Revista]

LIÇÃO VI

Setima época

A superfície da Terra mudou completamente, após o apparecimento do terreno de *trias*. Sem nos preocuparmos com as outras partes do mundo, que té aos dias presentes foram ainda mui pouco estudadas, examinemos rapidamente o aspecto que naquella época devia de apresentar a Europa occidental.

Independentemente das ilhas ainda assás numerosas, mas pouco importantes, compunha-se a Europa de quatro grandes terras: a Oeste, a Bretanha, que era então reunida á parte já formada da Inglaterra e da Irlanda; a Leste todo o terreno limitado dum lado por Dumkerque, Lipsia e Cracovia, e do outro, por Estrasburgo, Zurich e Ratisbona; emfim ao Sul, pelo que vulgarmente se chama o *planalto central* da França e que partindo de Autão, ia se terminar um pouco além de Perpignan e se compõe principalmente do Alvergue.

Os terrenos sobre os quaes estão fundadas Paris, Londres, Berlim, Roma, Madrid e Napoles, não existiam ainda, e o mar cobria com as suas águas os logares onde hõje se elevam essas capitaes. Os Alpes e os Pyreneos jaziam ainda no fundo do abysmo; exceptuando o Cantal e uma parte dos Vosges, não existia, na região onde mais tarde se estendeu a França nenhuma montanha de altura notavel.

Esta configuração da Europa foi consideravelmente modificada quando appareceram novos terrenos, (apparecimento que fez surgir as montanhas do Jura, da Côte-d'Or e do Morvan), que entulharam, das bandas de Poitiers, o estreito que separava o planalto da Bretanha e da Inglaterra, e formaram, desta sorte, um isthmo que reuniu esses mesmos planaltos á Allemanha, não deixando subsistir, na Europa, senão duas grandes regiões, ao envez de quatro, a saber: a Escandinávia, ao norte, que permaneceu quasi sem mudança; e um vasto crescente cujo centro se achava dos lados de Perpignan, e as duas extremidades uma se dirigindo em direção á Escossia, e a outra para a Cracovia.

Acrescentemos que, paralelo ao lado oriental desse crescente, se estendia uma longa ilha que principiava em Briançon e terminava em Inspruck; além disso, uma quantidade de outras pequenas ilhas devia de ser tomada em consideração, e entre as quaes são notaveis duas mais importantes e já antigas: uma formada por uma parte da Córsega, e a outra pela faixa de terreno sobre a qual, mais tarde, se elevaram os Pyreneos. Sentimos que o quadro estreito do nosso trabalho não nos permitta de dar mappas indicando as differentes configurações que Europa recebeu, successivamente.

A analogia entre o que de bom grado chamariamos a ossificação do corpo terrestre e o trabalho da mesma natureza que se desenvolve durante a evolução embryonária dos animaes, é de chamar a attenção até dos espiritos menos observadôres.

Dum e d'outro lado, ao início, mostram-se simples pontos de resistência; de ambas as partes esses pontos isolados se multiplicam e acabam soldando-se entre si de maneira a formarem os ossos nos animaes, e na Terra os continentes.

O período de tranquillidade que succedeu ao alevantamento do terreno de trias, a julgar pela enorme espessura das formações, ás quaes elle deu lugar, foi mais longo ainda que os períodos de calma que té essa época haviam tido lugar. As águas depositaram então numerosas camadas sedimentárias, geralmente de estratificação concordante, ás quaes se deu o nome de terreno do Jura, por ser elle formado principalmente pelas montanhas do Jura; dividiu-se estas camadas em dois grupos ou *systems*: o systema do *lias* e o systema *oolthico*.

O systema inferior ou do *lias* principia, ora por um calcáreo muito rico de conchas, ora por uma pedra liós, que é tambem encontrada, menos frequentemente, em outras formações, e que offerece esta notável particularidade: no ponto em que ella foi accidentalmente atravessada por matérias eruptivas, esta pedra muda de tal fórma de aspecto, e de estructura pelo effeito do metamorphismo, que, por muito tempo os geólogos a consideraram uma pedra de rocha de espécie particular, á qual haviam elles dado o nome de arkose.

Por sobre esses primeiros depósitos de *lias* encontram-se numerosas camadas de calcáreo azulado ou cinzento, separadas entre si por marnas. Este calcáreo é totalmente formado por uma espécie de ostras caracteristicas. Essas conchas são raramente encontradas na camada immediatamente superior, que se compõe de um calcáreo no qual, pela primeira vez, apparecem as *blemnitas*.

As *blemnitas* não são propriamente conchas fósseis; são corpúsculos alongados, pequenos cylindros redondos e inchados em suas extremidades; parece haverem ellas desempenhado, junto á organização de certos molluscos polposos, uma função semelhante á que desempenha o osso dorsal do calamar, e que se encontra ainda em nossos dias, sob o nome de *osso de siba*, ora empregado nas joalherias, ora suspenso na gaiola dos canários, que

gostam de nelle afiar seus bicos. Além da sua typica estructura, foi a certeza em que estamos, que nos mares dessa época viviam numerosos animaes que se approximavam da especie das *sibas*, foi essa certeza, diziamos, que nos fez attribuir essa origem ás blemnitas. Sabe-se que a siba, quando perseguida, lança atraz de si um licor, escuro, que turva a água e a esconde á vista de seus inimigos. Este licor, contido numa bolsa própria, que existe no corpo do animal, é muito procurado por pintores e desenhistas que a conhecem pelo nome de *sépia*.

Pois bem, no calcáreo de que tratamos encontra-se muitas vezes bolsa de *sépia* resequida, mas que, dissolvida na água, dá ainda uma bella côr parda. Não será um factio maravilhoso, o de poder pintar uma paisagem com uma tinta preparada milhares de annos antes que o género humano houvesse tomado posse da Terra? As múmias do Egypto são certamente veneráveis pela sua antiguidade, mas que é essa antiguidade, comparada á da *sépia* do calcáreo de blemnitas?

O systema oolítico, separado do precedente por camadas de marna e de areia, compõe-se antes de tudo de um enorme banco de calcáreo oolítico, isto é, composto de grãosinhos, redondos e regulares, semelhantes á óva de um peixe. Dónde provem esta estructura tão característica? Eis o que a sciência ainda não pôde determinar. Por sobre o oolitho sobrepõem-se poderosas camadas de argila conhecidas pelo nome de *argila de Oxford*; depois encontra-se um calcáreo chêio de polipeiros e coraes; vê-se por diante argilas, e alguns leitos de calcáreo marmoso ou ainda, algumas vezes, é elle o oolítico. E' o terreno do Jura um dos mais espalhados pela superficie do globo.

Até aqui, os seres mais aperfeiçoados que existiram sobre a terra, foram os os répteis. As suas espécies multiplicam-se durante o período da formação do terreno do Jura. O lias contem, realmente, ossaturas de numerosos animaes desta família, dos quaes uns, os *ichthyosauros*, mediam mais de sete metros de comprimento e assemelhavam-se aos crocodilos, tendo em logar de patas, barbatanas ou remos. Outros tambem de grandes dimensões se approximavam, ainda mais os plesiosauros, da fórma dos peixes. Existia enfim uma última espécie, os *pterodáctylos de bico comprido*, cujos longos membros lembravam os morcegos: a cabeça e as unhas eram parecidas com as dos pássaros, sendo que a parte posterior e cauda em pouco se differenciavam da conformação dos mammíferos. Esses singulares animaes, como nolo mostram os destroços encontrados em seus excrementos petrificados, ou coprólitos, nutriam-se principalmente de insectos que, sem dúvida, apanhavam no ar.

Os pterodáctylos, espécie extincta desde muito, podem ser considerados como o resultado dos esforços que fazia a natureza, para passar dos répteis a animaes de uma ordem mais elevada: e foi precisamente por essa época, que surgiram os primeiros pássaros. Não mais se pôde encontrar as suas ossaturas que, por serem ôcas, foram por conseguinte, em demasia frá-

geis; mas como se mysteriosa mão velasse o archivo da história do globo para conservar os monumentos que deviam servir de guia aos chronistas do futuro, os pássaros deixaram a marca de suas patas na superficie ainda molle das camadas do terreno do Jura, que, endurecendo ao secar-se, conservou-as indeléveis, através dos séculos, té aos nossos dias.

Mas o que, acima de tudo, caracteriza a época do terreno do Jura, é o apparecimento de verdadeiros mammíferos cujos restos existem nas marnas do oolitho, trazidos que foram por correntes d'água dôce, com outras conchas de origem fluvial. Estes mammíferos, como lógicamente se deve pensar, por terem sido os primeiros formados, pertenciam ás espécies menos perfectas. São elles os didelphos, os marsupiaes, isto é, animalitos da familia das sariguéias da Nova-Hollanda. Mas enfim, são mammíferos, isto é, seres pertencentes á grande classe a que tambem pertence o homem.

Os terrenos de oolitho contêm tambem restos de mammíferos aquáticos, cetáceos, familia muito inferior a que pertencem as baleias—e mais, possuem elles conchas de espécies inteiramente novas até então, palmeiras, e outros vegetaes, substitutos dos fetos gigantescos das épocas precedentes.

Não sómente as pedras liozes desse terreno foram, como já o dissemos, transformadas em arkose pelo metamorphismo, mas a mesma causa, em certos pontos, mudou em mármore brancos suas camadas calcáreas, que tomaram, além disso, os caracteres e a composição da *dolomia*.

Esta rocha, que recebeu o nome de um dos mais illustres geólogos francêses, Dolomieu, tem de notável, que a acção do calôr não sómente modificou o calcáreo na sua estrutura, mas tambem em sua composição. As pedras liozes se compunham sómente de ácido carbónico e de cal, enquanto que na dolomia se encontra, além disso, magnésia.

Donde vem pois, esta nova substância que não existe geralmente nos rochedos circumvisinhos? Evidentemente não pôde ser senão das profundas regiões donde jorraram os granitos, que transformaram dest'arte o calcáreo, penetrando-o de gazes de magnésia que elles arrastaram consigo; mas que intenso calôr não deveriam ter attingido esses granitos, para assim transformarem a magnésia em gaz!

Como no terreno de trias, trambem no terreno do Jura existe quantidade de gesso e de sal marinho.—Além disso contem elle mineraes de diversas naturezas, e notadamente ferro em abundância, e muito procurado para a indústria.

Os mineraes apresentam-se na natureza, ou em *vêios ou amontoados*. Os veios se encontram quasi exclusivamente nos rochedos eruptivos, ou nas rochas que soffreram as mais antigas metamorphoses. Como eram substâncias mais ou menos pezadas, os metaes atravessaram a matéria ígnea e terra, e se accumularam no centro da Terra. No entanto em suas oscilações, esta matéria, sempre um pouco viscosa, deve de ter trazido á superficie em maior ou menor quantidade de metaes,—e, em compensação, arrastal-os consigo, e quando comprimida pelo restringimento do seu invólucro, inva-

dindo as fendas e rochas dos terrenos já formados. Mais líquidos que os granitos, que os pórfyros ou que as serpentinas, estes metaes penetraram pelas mais estreitas rachinhas, onde se os encontra, sob a fôrma de veios. Algumas vezes, o calor que se produzia no momento de seu apparecimento era tão intenso, que os fazia passar ao estado gazoso, o que lhes permittiu de se insinuarem por estreitíssimas fendas e onde se condensaram sob a fôrma de cristaes.

Doutro lado, quando águas ascendentes quentes e ácidas, encontraram, em seu caminho, semelhantes veios, oxydaram-lhes os metaes, dissolveram estes óxydos e arrastaram-nos ou em pequenas cavidades situadas na espessura das camadas rochosas ou argilosas, onde depositando-se, tomaram a fôrma de pequenos *rins*, ou então os levaram para a superfície dos terrenos onde formaram montões que mais tarde outros terrenos vieram cobrir.

S. de PADILHA



Livros escolares

Com este título de que nos servimos para este artigo que destinámos ás paginas da Revista do Ensino, promettemos escrever depois com mais prolixidade, porque sempre consideramos o assunto de máximo valor, como tudo que diz respeito á instrucção publica.

Ligados ao ensino das crianças, conhecendo de perto toda a movimentação escolar, observando com cuidado e interesse as difficuldades e as necessidades da aprendizagem, sempre nos mereceu escrupulosa attenção o livro adoptado no ensino, o livro em que a criança vai aprender a língua, o livro que é a alma e o principal elemento da escola.

Deve ser do particular empenho dos interessados pela instrucção popular, dos conselhos de instrucção pública o livro que se vai enviar ás escolas, o livro em que a mocidade vai instruir-se, ganhando aí todos os conhecimentos da língua materna.

Antes de tudo, quando se trata da adoptação do livro escolar, devemos proceder de ânimo desprevenido, sem interesse

partidário ou particular, sem a senha ridícula e prejudicial do favoritismo.

Na escolha do livro destinado ao ensino deve haver sempre o maior escrúpulo, de maneira que só seja aceito para a instrução o compendio escrito em óptima linguagem portuguesa.

Se assim não fôr, nunca poderemos ter o ensino uniformizado, perfeito, porque os livros de leitura que andam pelas mãos das pobres crianças e que são escritos em péssimo português ficam em antagonismo ás disciplinas da grammática da nossa língua.

Quem se dedica ao magistério e se dá ao cuidado destas observações pôde dizer que não estamos inventando e que tocamos num assunto de importância capital.

Ha livros escolares escritos com visiveis attentados aos preceitos da syntaxe, com a frase palpavelmente errada e com a grafia das palavras lamentavelmente deturpada.

Outros ha onde o erro histórico fica em relevo e onde o processo pedagógico seguido é condemnado por improducente.

Por acaso abrimos um dia um compendio de *História do Brasil* e nelle, logo á primeira folha estavam dois attentados á pureza e á belleza do nosso formoso idioma.

O primeiro desses attentados era a grafia da palavra *Brazil*, porque o autor, usando o sistema chamado misto, a escreveu com *z* e não quiz corrigir-se desse erro.

O segundo peccado verificamos nesta frase interrogativa que está em completa briga com a nossa perfeita syntaxe:

O que é historia?

Ora o alumno que aprende com os bons mestres e os bons livros a maneira exacta, racional e incombatiavel de escrever certas palavras; o alumno que já teve a prova clara de que a palavra *Brasil* na ortografia commum só pôde ser escrita com *s*, sente-se naturalmente de ánimo abalado, de espírito vacilante, duvida mesmo das demonstrações precisas que recebeu quando o livro escolar que tem á mão contem *Brazil* com *z*, *O que é historia?* e quejandas tolices de igual jaez.

Cumpre-nos falar tambem nos livros do sr. Felisberto de Carvalho.

Elles não apresentam um português lídimo e além disso contêm innúmeros termos científicos com os quaes nem mesmo muitos professores estão familiarizados, escapando assim á per-

feita compreensão da criança, que não pôde ter ainda um curso de história natural, de physica, de botânica etc.

Uma nota original: o sr. F. de Carvalho primou em escolher as mais desgraçadas e as mais massudas poesias do nosso Parnaso para encher as páginas dos seus livros, mutilando desta forma o gosto esthético nascente da juventude.

As grammáticas principalmente devem merecer especial cuidado, um especial carinho daquelles a quem estão entregues os altos destinos da instrucção pública, os sagrados destinos da língua materna e consequentemente de uma grande pátria.

Muitos dos compendios de grammática que inquisitorialmente são mettidos nas mãos das pobres crianças não correspondem absolutamente ás exigências do ensino moderno, pois contêm muitas regras falhas e mesmo absurdas.

E' hoje notabilíssima a evolução da nossa língua, e os compendios de grammática não devem entrar no ensino como verdadeiras mercadorias.

Ha grammáticas portuguezas onde o portuguez é quasi africano . . .

Semelhantes compêndios, de par com o pouco escrúpulo e mesmo preparo scientifico de muitos professores, concorrem de modo inacreditavel para a perpetuação de erros crassos, de vícios grosseiros que ferem de momento a momento a belleza admiravel do nosso fortíssimo idioma.

Como remediar este mal ?

De maneira muito simples, pensamos: fazendo que as comissões julgadoras de livros escolares se revistam de mais critério crítico e decidido amôr ao ensino, deixando de parte a *protecção* e *recommendação* dos autores; evitando que esses livros imperfeitos por mal escritos tenham um curso livre no ensino, que se vê por isso grandemente prejudicado.

A não ser assim, a não considerar-se a causa nobre da instrucção pública uma necessidade social fóra do alcance do proteccionismo; a não comprehender-se decididamente que o livro é tudo na escola, jamais poderemos dar á mocidade uma instrucção sólida e séria, sem offerecer ao alumno o triste espectáculo da luta dos livros escolares com as disciplinas da grammática.

Manáus — 1912.

Teodoro Rodrigues.

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

Movimento e sensibilidade nos animaes e nas plantas

São numerosos os exemplos que poderíamos citar para provar serem as plantas susceptíveis de movimento. A sensitiva (*Mimosa pudica*) esta esquesita planta conhecida de todos nós, encolhe os seus folíolos assim que a batem; se com um alfinete tocarmos, levemente embora, os estames de uma flôr de Mahónia, vel-os-emos levantarem-se bruscamente e se reunirem ao centro da flôr. Quantas folhas, sobretudo entre as leguminosas, não se fecham ao anoitecer para pela manhã se abrirem! Não será ainda um exemplo de movimento dado por essas flôres que fecham as suas corollas ao pôr do sol e só a abrem quando o dia surge de novo? mas dir-se-á que todos estes movimentos por serem locaes não podem ser comparados ao movimento de trasladação que se observa nos animaes. Nos exemplos acima citados os organs ou partes das plantas entram realmente em movimento, mas o seu todo não se desloca. A verdade é que nas plantas de organização completa, esses movimentos de trasladação total são raros, se bem que se encontrem alguns casos. Todo botânico pode facilmente observar que certas plantas munidas de bolbos sólidos, ou de rhizomas, como as orchídeas e os iris, se deslocam mui lentamente sendo causas desse phenómeno ou o crescimento do rhizoma ou o nascimento de novos bolbos ao lado dos antigos, destinados a murcharem. Mas, sem demorarmos nesses casos que poderiam parecer duvidosos, examinemos plantas cuja simplicidade orgânica offerecem melhor exemplificação. Colloquemos sob um microscópio alguns filamentos de algas denominadas Oscillárias.

Vemol-as, em movimentos bruscos e rythmicos, deslocam-se e desaparecem, rápido, do campo do microscópio.

Ha mais, num grande número de algas, (taes como a *Ulothrix*, a *Vauchéria*, *Edogonium*, a *Laminária*), vemos nascer esporos, pequenos seres microscópicos dotados de pellos vibrateis que, germinando, reproduzem uma nova alga. Ora esses esporos receberam de ha muito o nome de *Zoosporos*,

(esporo animal), porque têm a propriedade de uma extraordinária actividade; movem-se na água com extrema rapidez, e são em tudo semelhantes a animaesinhos. Não é pois a mobilidade o apanágio dos animaes, e firmados na opinião valiosa de Huxley podemos dizer: “conhece-se, de nossos dias, um número infinito de plantas e de células livres que passam grande parte da vida num estado de locomoção activa que em coisa alguma differe do dos animaes mais simples.

Pelo facto das raizes das plantas se dirigirem sempre para a humidade da terra, e das folhas e galhos procurarem sempre, a luz do sol, poder-se-á deduzir que esses movimentos são voluntários, signaes duma evidente sensibilidade? Haverá *sensibilidade consciente*, isto é, percepção e movimento consecutivo voluntário, quando certas plantas como a sensitiva contraem as suas folhas ao contacto das mãos que as querem colher?

Para respondermos directamente a esta pergunta, bastaria lembrar o caso daquellas plantas carnívoras, do *Drosera* que abre suas folhas pontilhadas de pellos arrepiados e glanulosos: se uma incáuta mosca por acaso pousa sobre as folhas vê-se para logo todos os pellos se abaixarem, se dirigirem lentamente sobre o insecto temerário, e se grudarem de todos os lados pelo seu corpo; e depois o próprio limbo da folha dobra-se sobre o animal cativo e não mais se abrirá senão para soltar, ao primeiro sôpro de vento, os destroços que a planta não pôde absorvêr.

Mas na verdade, a questão deve ser encarada de mais alto. Porque a sensibilidade consciente, a única que ainda hoje conhecem muitos philosophos, não passa para elles “de uma modificação psychica, —prazer, dôr,—determinada pelos modificadores externos. Tal definição é só applicável ao homem pois que faz intervir a consciência: o phenómeno que ella caracteriza é sem par, sem análogo, poder-se-ia dizer sem significação, desde que se não trate do sujeito pensante”.

A sensibilidade recebeu tambem o nome de irritabilidade,—é uma propriedade inherente a qualquer elemento orgânico, a qualquer célula viva. A sensibilidade é pois a propriedade de reagir de modo apreciavel e sensível, sob uma solicitação exterior: tomada neste sentido geral, confunde-se com a irritabilidade, e Claude Bernard se empenhou em demonstrar, pela acção commum dos anesthésicos, identidade

das circunstâncias que a faz desaparecer, abolindo-a de fórma que todas as manifestações da sensibilidade se confundem e são identicas. Encarada por esse lado, a sensibilidade torna-se o caracter peculiar da vida: "tudo o que vive sente e póde ser anesthesiado". As experiências de Claude Bernard demonstraram positivamente que em todos os seres vivos, animaes ou plantas, a sensibilidade existe. Se, por exemplo, submettermos a sensitiva á acção de um anesthésico como o éther ou o chlorofórmio, veremos as suas folhas não mais reagirem ao contacto, encolhendo-se, como o fazia antes. Adormeceu, como adormeceria um animal; e no entanto não está ella morta, pois que se fizermos cessar a acção dos vapores ethéreos, a planta torna, breve, ao seu estado normal, e a sensibilidade um momento abolida, reaparece totalmente.

Applicação do phonógrapho ao ensino das línguas estrangeiras

O sr. Bruckert, professor no lyceu de Versalhes, teve a feliz iniciativa de instituir, na França, o estudo de sciências naturaes, que elle professa, acompanhado de projecções cinematográficas. Ao mesmo tempo o ministerio da Instrucção pública estuda os meios práticos de generalisar este precioso método de ensino, e pensa na possibilidade de empregar o phonógrapho, combinado com o cinematógrapho, para auxiliar os professores no ensino prático das línguas vivas.

Ha já algum tempo, a casa Gaumont e a casa Pathé (fabricantes de aparelhos phonográficos e de *films* cinematográficos) pensaram de facilitar a tarefa dos professores: um phonógrapho repete as palavras de um verdadeiro inglês, ou de um allemão authéntico, ao mesmo tempo em que o cinematógrapho apresenta a cabeça do estrangeiro, na qual se poderá acompanhar os movimentos dos lábios correspondentes ás diversas articulações. Até ao presente, a imperfeição da voz phonográfica impediu que se adoptasse esta combinação. Mas nesses últimos tempos, fizeram grandes progressos as máquinas falantes; e se ellas não attingiram ainda a perfeição ideal, parece no entanto já se prestarem mui bem a emittir as entonações de uma língua. Nessas condições o novo método parece, dará bons resultados.



Faculdade de Direito

Páginas escolhidas

Por F. R.

Fr. Luis de Sousa (*)

UM COMBATE NAVAL

Abafava de indinação e rayva, [el-Rey] já contra os conselheyros do levantamento, já contra os pobres soldados. A'quelles chamava verdadeyros traydores, e destruydores de seu estado, que o obrigarão com fundamentos de malícia, a perder a paz descansada em que vivia. Aos soldados, gente fraca, vil e sem honra, pois sendo tantos que só com o bafo podião meter no fundo o nosso parao, não (1) ouvera nenhum, que lhe pozesse o pé dentro. Que esperança, dizia, poderei ter, que subays vós outros aquelles muros altos, ou me rendays esses encastellados: se em saltar o bordo de huma pequena barca achaste difficuldade? Logo subindo a cavallo, e com um bastão na mão, se foy á praya, e mandando que nenhum homem ficasse em terra, fez sahir de novo sincoenta terradas, e embarcar nellas á sua vista, a mór parte dos mires, que o acompanhavão (são mires os seus fidalgos illustres). Mas primeyro usou de hum termo que lhe pareceo seria poderoso pera esforçar a todos. Mandou vir duas mezas.

(*) FR. LUIS DE SOUSA, chamado, no seu século, Manuel de Sousa Coutinho, era filho de Lopo de Sousa Coutinho, neto de D. Gonçalo Coutinho, segundo conde de Marialva. Nasceu em Santarém (Portugal) pelo anno de 1555,—affirmam alguns de seus biógraphos,—vindo a fallecer em maio de 1632. Fez parte o nomeadíssimo escriptor da pléiade celebrada dos seiscentistas. Do seu estylo e da sua obra diremos, desenvolvidamente, no próximo opúsculo deste mensário.

1] E' uma das demonstrações da evidente incoherência gráfica dos textos dos escriptores antigos. Ao passo que escrevia o verbo sem *h*, tres linhas a seguir Frei Luis escreve *huma*.

Huma fez luzir de ouro e prata em várias moedas: a outra cobrir de toucados de (2) molheres. Era costumados Persas usado naquelle tempo, ao homem que fazia vileza na guerra, enfeitarem-no com hum daquelles toucados, pera sinal de perpétua infâmia. Prometia o Rey huma cousa e outra a todos: mas de melhor vontade a prata e ouro, e em cima honras e mercês aos que entrassem os nossos navios. E apoz isto sobio-se a hum teso sobre o mar, donde fosse visto dos que hião: e elle pudesse notar o que fazião. Voavão, não remavão as (3) sincoenta terradas, que levavão a flor da Côrte, até se juntarem com as oytenta; e fizerão hum cardume que coalhava o mar. Estavão os da fortaleza pendurados sobre as muralhas, suspensos e receosos, e considerando que se Deos não acudia com suas misericórdias, parecia impossivel valerem-se contra tamanho poder tres pepuenos navios, em mêo do mar, que segundo boa conta devia aver pera cada soldado nosso, vinte ou mais mouros. E assi os encomendavão a Deos, como quem fazia conta, que na salvação delles consistia a daquella fortaleza e de todos. Mas Manoel de Sousa deixando-se estar surto, em quanto tardava a viração, com que avia de demandar o anchoradouro da fortaleza, apercebia-se pera o assalto, com atracar a fusta e parao ao bordo da nao, cada vaso de sua parte, tão juntos e apertados, que se não podessem alargar, e ficassem em estado de aver passagem de hum a outro, e poderem-se soccorrer

2] Forma antiga, que parece ter-se mantido ao lado de *mulher*, pois *Bladens* a diz semelhante á primeira, e usa ora duma ora d'outra.

3] Não é facil explicar o disparate desta graphia dos *Avanos*: em latim, como é sabido, temos *quinque*, que por dissimilação se transformara no latim popular em *cinque*. E' sabido portanto que *cinco* e *cincoenta* proveem do latim vulgar *cinque* e *cinquenta* pela referida lei de dissimilação, e não do latim erudito *quinque* e *quingenta*, pois que o *q* latino permanece inalterado no português, *quinto* <*quintus*. (Cf. *Subsídios—de Caramão*, pg. 81. T. II.)

"Compravam-nos logo seus padres por *cinque* dinheiros cada um" *Decl. de Al. in. Subsídios* para um Dicionário-de A. A. Cortesão, pg. 32. T. I.

O *c* inicial apenas passa de explosivo palatal forte para continuo dental tambem forte: *civitate*=CIDADE; *circa*=CERCA; *cista*=CESTA. (Cf. J. J. Nunes—*Chrestomathia Archáica*, pg. LX). E' bom de vêr, porém, que á época em que viveu Frei Luís (século XVI) começou de operar grande confusão e desordem na escrita portuguesa.

Neste caso particular da troca do *s* pelo *c* é tanto mais estranhavel o phenomeno quanto é succedido na phonética da época, sendo ainda hoje, embora menos generalizada, clara a distincção entre a pronuncia do *s* e do *c* iniciais. Assi o português oralmente distinguia *ceia* (refeição da noite) de *Seia* (villa portuguesa). Era, então, graphia geral e correcta a do *s* inicial em *Sintra* (Herculano ainda a usou), *Sesimbra*, etc; e d'outra banda se emprega devidamente o *c* em *çimo*, *çapato*, *çaragoça*, etc. Ultimamente alguns philólogos portugueses tentaram, sem resultado, restaurar a graphia de *çapato*, o que me parece inutil.

Os que já melhor estudaram este caso da phonética portugueza foram J. L. de Vasconcellos (*Philologia Mirandera*) e Gonçalves Vianna, em varias obras.

avendo necessidade. Assi fez hum genero de barbacam e reparo de muyto effeito pera os costados da nao: El ordenou mais pera se poder servir da artilheria pera toda parte, que as proas da fusta e parao ficassem contra a popa da nao: e por cima corresse somente a mareagem das velas da nao, de maneyra que só ellas levassem todas tres embarcações. Dada esta traça, como todos tres Capitães erão muy esforçados cavalleyros, e tinhão comsigo gente animosa e determinada, esperavão alegremente o enemigo, que não tardou em chegar quasi ao mesmo tempo que soltava as velas á viração que começava a assoprar. Foy o acometimento dos mouros bravo e temerário, e como de gente que estava aos olhos de seu Príncipe, e não lhe esquecião suas promessas e ameaças. A primeira cousa foy despedirem dos arcs tantas nuvens de setas, á volta de muyto fogo e ballas de artilheria, que todos tres navios ficarão cravados e juncados dellas; e feridos a mór parte dos nossos que na fusta estavam; que como era raza, e sem mais reparo que seus peitos, recebião nelles toda a frecharia. Neste passo se lançou sobre a proa da fusta Rayz Sabadim, que tinha polla manhã prometido a el-Rey finezas de sua pessoa, e fazendo-as de verdade, se meteo pollos nossos com seis companheyros que levava escolhidos, tão ardidamente que entrados pollo esporão e por cima da artilheria, começarão a sobir pollo bordo da nao, não faltando outros que o exemplo obrigava: Acometimento foy este bem merecedor de huma grande luz: mas não o foy menos a defensão. Dignos huns e outros soldados, que teverão diante os Reys por quem trabalhavão. Que por muyto que se esforce a penna dos que relatamos os successos da guerra, sempre fica defectuosa na representação do valor, das feridas, do sangue, das mortes. Porém aqui não avia mais testemunhas, que os mesmos que como em desafio, e praça aprazada e cerrada pelejavão. Porque o fumo da artilheria e arcabuzaria tinha o ceo e toda a armada cuberta de espessa escuridão. Estava muyto ferido Fernão Vaz Sarnache, e com tudo sustentava o peso dos mouros no bayxo da fusta: e Manoel de Souza fazia o mesmo no bordo da nao, pelejando todos pé a pé, a vivas cutiladas, e lança varada com tanta furia e teima de ambas as partes, que mal se podia discenir donde ficaria a vitória. Aqui se lançou Tristão Vaz de hum salto dentro na fusta, e traz elle outros valentes soldados: e fêrirão nos mouros de sorte que em fim os fizerão despegar

do bordo da nao, e largar a fusta com morte de muytos. Jogava entre tanto a nossa artilheria levando cabeças, pernas e braços, arrombando terradas e metendo muytas no fundo, e fez crescer o pavor entre os inimigos de sorte que ouverão por seu partido hir-se alargando de nós. E todavia como a viração refrescava, e hia levando os navios pera o fortaleza, não deixavão de se hir traz elles frechando e tirando: até que sendo já o dia gastado, e todos bem cansados, o vento e maré meteo os nossos debayxo da artilheria, que logo começou a fazer mayor terror, disparando peças grossas, e obrigou o inimigo a se afastar de todo, e hir tomar repouso, que bem avia mister. Ouve entre os nossos trinta e tantos feridos, e nenhum morto, senão foy hum grumete negro, caso sem duvida milagroso, como se pode julgar do número de frechas que se colherão nos nossos navios, e das que depois a maré foy levando á praya da fortaleza; que foram tantas, que acho escrito, derão muytos dias lenha, pera se queimar na fortaleza. Dos inimigos se soube depois, que forão mortos, neste segundo assalto, oytenta, e muytos mais feridos.

Na fortaleza entrarão com triunfo de louvores e espanto de Manoel de Sousa e seus companheyros. E com tudo o Capitão Dom Garcia convertendo os descuydos passados, de que muytos o culpão, em huma muy considerada providência, chamou no dia seguinte a conselho; e propoz aliviar a fortaleza de toda a gente inutil, como escravos, molheres e mininos, que ajudavão a diminuir a ágoa e consumir as poucas vidualhas que avia, não sendo de nenhum bom serviço no presente. Dizia que embarcassem todos no navio de Manoel de Sousa, e fossem caminho da India. Não succedeo aqui o que he de ordinário nos mais dos conselhos: que em propondo e declarando sua vontade o que preside, todos correm traz seu gosto. Era tempo de necessidade: ella insinava a esquecer adulações. Determinadamente o contradisserão os mais e melhor entendidos. Duas viótrias, dizião, ganhámos (4) ontem, cada huma dellas tão famosa, que onde quer que forem contadas, ou serão avidas por fabulosas, ou de milagre, como na verdade devemos con-

4]—Modernamente, após melhores estudos da etymologia do vocábulo, os philologos preconizam a graphia *ontem* como a única verdadeira, allegando que originariamente aquella dieção não fez jus ao apendéculo inicial. A demonstração mais convincente parece ser a citada por Cortesão (*Subsidios*, T. II.): segundo o dr. G. Guimarães.

fessar: Se estas por beneficio de Senhor que nola deu, e socorro destes tres navios, nos tem rendido sermos senhores do mar, em que juyzo cabe desfazermo-nos dos mesmos navios, despedindo com essa gente o mayor e melhor delles: e encurtarmos o número dos defensores destes muros, pois de força lhe avemos de dar muytos pera sua defensão? Que quereis que digão estes mouros, senão que de puro medo começamos a despejar esta praça poucos e poucos? Pois fazer tal despejo não tem outra significação! Se vitoriosos damos signal de fraqueza, pera quando guardamos o brio e valor portugues, que nos mayores trabalhos costuma refinar-se mais? O que cumpre he que donde estes traydores nos acometião até agora, sejam d'hoje em diante de nós acometidos. Estão cheos de covardia com o que ontem experimentarão. Não entrará navio (que muytos hão de vir cada hora) que lhes não tomemos nas barbas: sobejarão não só mantimentos, mas riquezas de mercadorias. E se for faltando a água; ao seu despeito, a iremos tomar dentro a Quéixome: que isto senhor he certo, em quanto formos senhores do mar sempre o seremos da terra. Não ouve mais apoz estas razões, senão que logo assentarão, que providos os tres navios de boa gente, fossem destruir e queimar a armada das terradas enemigas. Sahio com elles o Capitão-mór Manoel de Scusa e foy sobre ellas com tanto terror dos mouros, que por fogirem o perigo, as arrimavão tanto á terra, que o navio lhes não podia danar. Mas os outros dous vazos tomarão bastante vingança: Porque vindo demandar o porto hum parao cheo de fazendas, em seus olhos lho abalroarão sem nenhuma das terradas se atreverem a soccorrello e o forão descarregar na fortaleza. Desesperados os enemigos de bom successo no mar, tornarão com todas suas forças a continuar a bataria dos muros: e forão ordenando de novo humas estradas cubertas pera se chegarem a nós sem perigo: e tendo feito disto quanto lhes pareceo bastante pera se poderem arrinar e escalar a muralha, amanhecerão hum dia sobre ella com grande número de altas escadas, e começarão a subir por ellas os mais valentes, que foram muytos. Acudirão os nossos ao perigo, e a botes de lanças e chuças, fizeram cahir huns sobre outros, com que muytos forão mortos: E logo soltando sobre os mais grande golpe de panellas de pólvora, queimarão tantos que mal de seu grado largarão a posto

os que ficarão livres do fogo, deixando o chão alastrado de corpos mortoos e das suas escadas.

Devia elRey confiar muyto neste escalamento. Deixou-se entender em que depois que vio o pouco effeito delle, não tentou nenhuma cousa mais contra a fortaleza: e foy tomando novos conselhos, e todos de mais perdição sua: porque se veção em que parão trayções. Resolveo com o Xech seu sogro, e Mahamed Morado, seus principaes conselheyros e privados, passar a cidade com todos os moradores pera outra terra e outro sítio. Era a imaginação, e discurso, que deixando elles a cidade erma, fariamos nós outro tanto á fortaleza. Porque ficando Ormuz sem gente, não tinhamos nós pera que sustentar muros e soldadesca em terra deserta. O sítio que escolherão, foy a ilha de Quéixome. Fica Quéixome á vista de Ormuz, em distância de tres legoas. Jaz sobre a costa da Pérsia, e tão arrimada a ella, que a cinge como huma faxa: porque sendo em demasia estreita, se estende ao longo da terra firme por espaço de quinze léguas: tem muytas e boas ágoas, e fertilidade bastante, mas os ares são pera a saude pestilenciaes. A tal terra trouxe a desesperação, e força de maos conselhos este miseravel Príncipe. Mandou com pregão público declarar sua mudança, e amoestar que todos o seguissem com famílias e fazendas, e que pera isso terião embarcação franca. Com lágrimas e desconsolação foy recebido do povo tal dito: mas executado logo. Porque elRey se passou huma noyte caladamente, e pera que o povo fizesse o mesmo, deixou sessenta terradas, pera sua embarcação, e hum Capitão com mil e quinhentos frecheyros para guarda. Este foy Mir Corxet, que soube ser tão astuto, que para os nossos não impedirem a passagem, procurou prática com Dom Garcia, vendendo-se-lhe por amigo; e lançando as culpas da guerra aos privados delRey, fazia-lhe crer que o ficar elle na terra, era a fim de tratar pazes, pera que affirmava ter ordem, e commissão delRey. Entre estes enganãos, que muyto valerão ao mouro para acabar de fazer a transmigração em salvo, amanheceo o dia 19 de Janeiro que mostrou aos nossos hum espectáculo que a todos fez mágoa. Ardia toda a cidade em fogo, que durou quatro dias inteyros com tal violência, que temerão os da fortaleza se lhe communicasse dentro. E com tudo inda o Mir Corxet vêo demandar o Capitão, e continuando em sua malícia affirmava que o fogo fora posto

a caso; e que no trato das pazes não averia dúvida. Porém passado o quarto dia, em que tudo o melhor da cidade estava feito em brasa e cinza, se embarcou com todos os seus. Então sahirão muytos dos nossos a ver de perto o lastimoso estrago da cidade feito por mão de seus naturays, e de mandado de seu Rey. Outros forão buscar suas pousadas, a ver se achavão inda alguma fazenda da muyta que todos têm: mas tudo era ou levado ou feito carvão. Contentarão-se com acharem algumas jarras de mantimento, e cisternas de boa água, que forão de muyto proveito.

Aliviada por esta maneyra a fortaleza do cerco, e remediada a sustentação, respirarão os nossos. Porque não tardou em chegar largo provimento de todo o necesário, em hum navio da Índia, e noutro galeão em que vinha por capitão Dom Gonçalo Coutinho, primo de Dom Garcia, e sobrinho de Dom Diogo Coutinho, mandado de Chaul pollo Capitão-mór, do mar Dom Luis de Menezes. Assi pareceo bem a Dom Garcia que se fossem Monoel de Sousa e Tristão Vaz a Curiate, a ver se podião livrar de cativeyro a gente de Manoel de Sousa. (5)

GLOSSÁRIO

- Barbacam**..... s.f.—Muro que ficava fora das antigas muralhas e mais baixo que ellas.
- Chuça**..... s.m.—O mesmo que chuço: vara armada de agulhão.
- Fusta**..... s.f.—Barco chato e comprido, de vela e remo.
- Parão**..... s.m.—Navio de guerra indiano.
- Terrada**..... s.f.—“Barco de remo ligeiro, cujo serviço era, da terra firme trazer á terra de Ormuz o necessário”. (Cf. R. BLUTEAU—*Vocabulário*, vol. 8.)
- Traça**..... s.f.—Manha, ardil, inventiva. BLUTEAU define-a curiosamente: “meyo excogitado & traçado na idéa, para se conseguir alguma cousa” (Voc. vol. 8).
- Transmigração** s.f.—*Transmigrar* como v. t. é forma archaizada completamente em desuso, e significa mudar de pais, ou apenas de habitação. Segundo BLUTEAU “he usado quando se fala na passagem de huma nação inteira para terras estranhas”. [Voc. vol 8.]

5] *Annaes de D. João III*, de Fr. LUIZ DE SOUSA, ed. de A. Herculanio,—1844. (pgs. 74-79.)



AS AVES

No fundo da chácara, n'uma touceira de arbustos, um menino encontrou um ninho onde tres avezinhas mal emplumadas dormiam.

Contente do seu achado e no desejo inconsciente de se apoderar delle, o menino metteu o braço por entre a trama dos galhos e das folhas e approximou a mão cubiçosa dos pobres innocentes, que logo ergueram para elle o biquinho guloso.

Nesse momento, o menino ouviu pipillos angustiados e o sussurro de uma aza que lhe roçou pelo rosto. Depois, sentiu que essa aza lhe batia nos olhos e que um bico audaz lhe espicava o rosto.

Timido, receioso dessa inesperada aggressão, retirou o braço e olhou. Era um tico-tico, a mãe das avezínhas do ninho, que defendia a prole e que continuou a atacar o menino emquanto elle permaneceu junto á touceira de arbustos.

Sahindo d'alli, muito admirado da audacia e da coragem dessa ave minuscula, o menino contou o caso á mãe.

E a mãe disse-lhe:

—«Não ha que estranhar, meu filho; essa avezinha faz pelos filhos o que eu faria por ti. O que pensarias de mim si, um dia, um homem mau e forte entrasse nesta casa e procurasse levarte, sem que eu lhe embargasse o passo? Pensas que, n'essas occasiões terriveis, as mãis medem as suas forças? Nunca; o amor materno incute-lhes coragem e ellas sem avaliar as consequencias de seu acto, pensando apenas nos filhos, procuram arrancal-os ao perigo imminente, saltando á frente do aggressor e atacando-o. Agora, dize-me cá: Para que querias tu essas avezinhas mal emplumadas, que para nada servem? Não pensaste na dôr que causarias aos pais, privando-os desses filhos amados? A ave, como os seres humanos, como todos os seres animados, tem coração e tem alma. Ella sente como nós, soffre e chora como nós, como nós tem a sensação do prazer. Alegre quando canta, triste quando pia, irritada ou desesperada quan-

do grita, ella manifesta pela voz e pelo gesto o seu estado d'alma. Si a caricias, tens nella uma amiga; si a maltratas, principalmente si maltratas os seus filhos, tens nella uma inimiga rancorosa que nunca te perdoará o aggravo. Mas, para que maltratar a ave si ella é por natureza tão bôa, tão meiga e tão util? A maioria alegra-nos e delicia-nos com o seu canto. A maioria fornece-nos ovos deliciosos que nos alimentam. Todas nos dão a penna que aformoseia a nossa *toilette* e que nos aquece, quando convertida em *edredons*, travesseiros e colchões macios. Acresce que a maioria é util porque livra os nossos campos e os nossos quintaes das larvas e insectos damninhos que devastam as plantações. Si ellas não fossem bôas e uteis, os homens não assemelhariam os anjos ás aves, dando-lhes azas, que são o symbolo da pureza e da bondade. Não faças mal ás aves, meu filho, nem procures tolhel-as na sua liberdade porque é em liberdade que ellas devem viver para nos serem verdadeiramente uteis».

O menino, attento e enternecido, ouviu a mãe e, quando ella acabou de falar, apoderou-se de uma gaiola onde estava um pintasilgo aprisionado, abriu a porta e deu-lhe a liberdade.

A mãe disse-lhe commovida:

—E' assim que eu te amo, meu filho. Tens um bom coração.

E elle, contente, vendo o pintasilgo a voar, chilreando, exclamou:

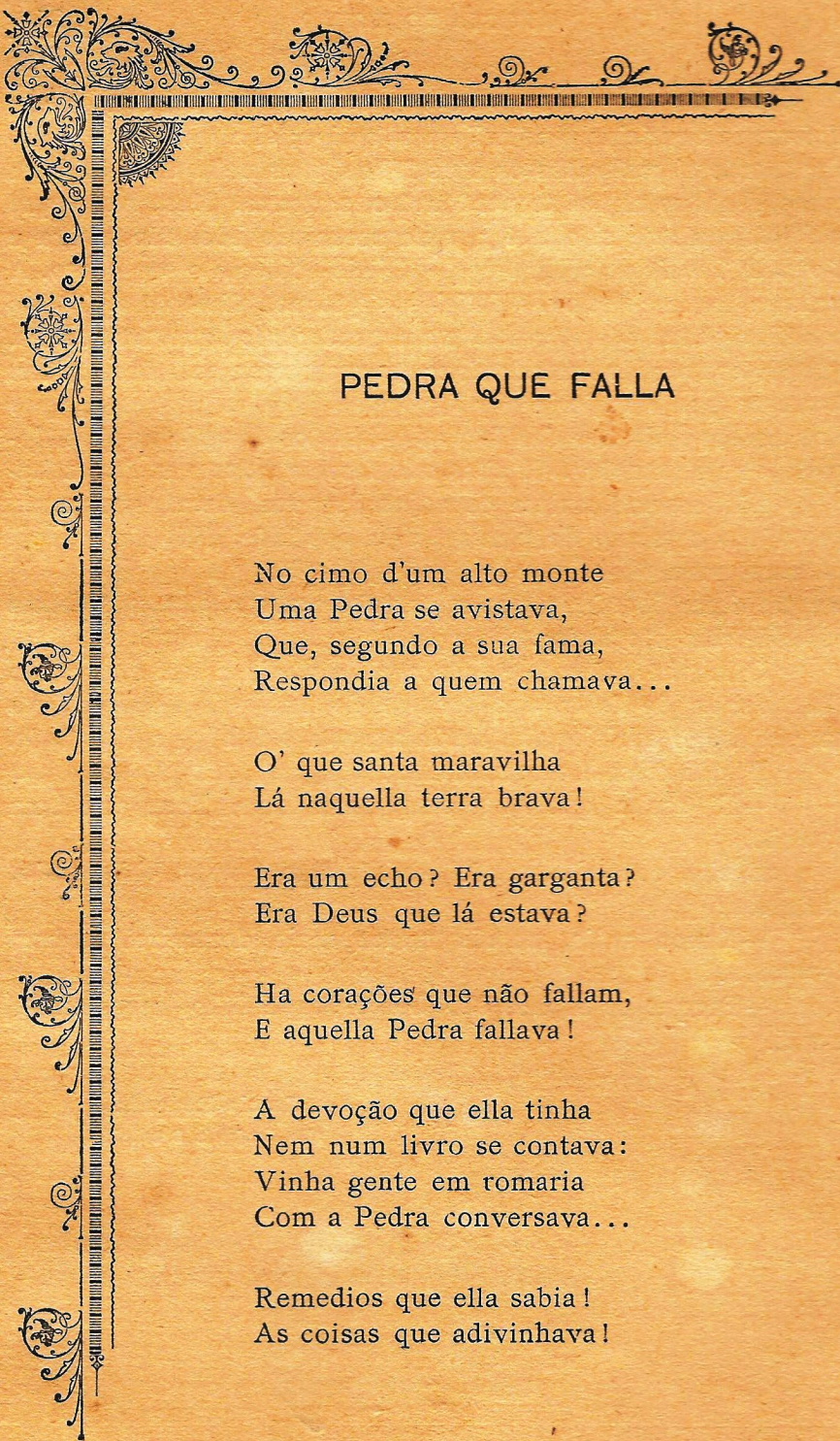
—Nunca mais, mamãe, nunca mais destruirei ninhos, porque....

—Porque os ninhos são berços, meu filho, acrescentou a mãe.

Garcia Redondo

(Da Academia Brasileira)





PEDRA QUE FALLA

No cimo d'um alto monte
Uma Pedra se avistava,
Que, segundo a sua fama,
Respondia a quem chamava...

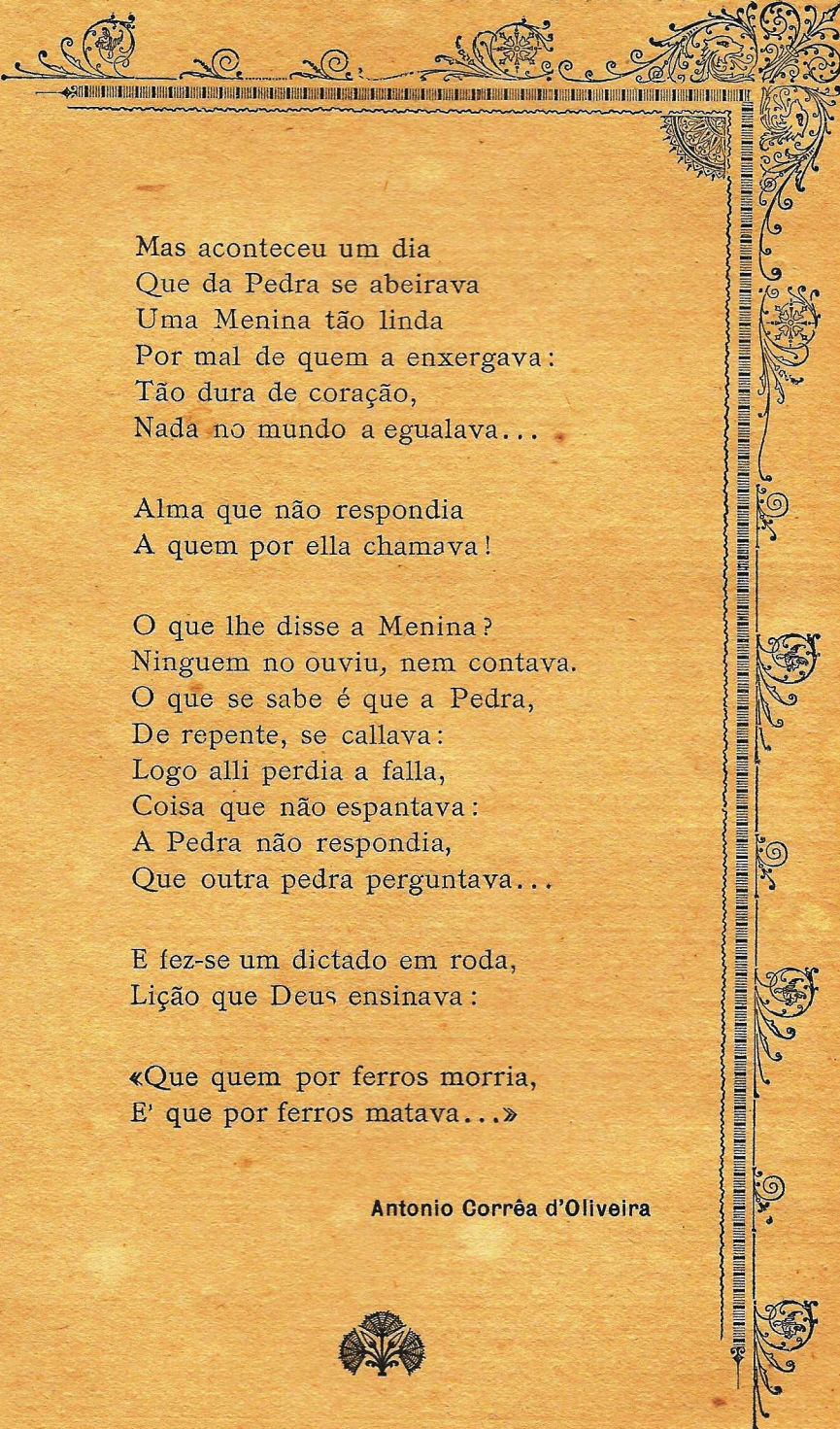
O' que santa maravilha
Lá naquella terra brava!

Era um echo? Era garganta?
Era Deus que lá estava?

Ha corações que não fallam,
E aquella Pedra fallava!

A devoção que ella tinha
Nem num livro se contava:
Vinha gente em romaria
Com a Pedra conversava...

Remedios que ella sabia!
As coisas que adivinhava!



Mas aconteceu um dia
Que da Pedra se abeirava
Uma Menina tão linda
Por mal de quem a enxergava :
Tão dura de coração,
Nada no mundo a igualava...

Alma que não respondia
A quem por ella chamava !

O que lhe disse a Menina ?
Ninguem no ouviu, nem contava.
O que se sabe é que a Pedra,
De repente, se callava :
Logo alli perdia a falla,
Coisa que não espantava :
A Pedra não respondia,
Que outra pedra perguntava...

E fez-se um dictado em roda,
Lição que Deus ensinava :

«Que quem por ferros morria,
E' que por ferros matava...»

Antonio Corrêa d'Oliveira





Questões de grammática e philologia

REFORMA ORTHOGRÁFICA

Como se sabe, está decretada a simplificação orthographica para as escolas e para as publicações officiaes, em Portugal.

Como a reforma, publicada na folha official, é relativamente extensa e largamente theorica, e nem todos dispõem de tempo e preparação para o estudo daquelle diploma, synthetizei-o numa pequenina *cartela*, que vai ser distribuida por toda a parte, especialmente pelas escolas.

Destina-se ella a evitar duvidas e canseiras a typographos, revedores, jornalistas incipientes, e a ministrar elucidação summaria a quem a precise e deseje.

Ao Brasil, que já possui uma reforma analoga, e, sobretudo, aos meus habituaes leitores, não será indifferente que eu reproduza a mencionada *cartela*, que diz assim:

“1º—Não se duplicam consoantes.—Portanto, *beleza, aprovar, immediato, abade, Melo, Matos, Mota...*

2º—Simplificam-se e substituem-se os grupos *ph, th, rh, ch* (com o valor de *k*).—Portanto, *filosofia, teatro, reumatismo, quimera, quimica, corografia...*

3º—Não se emprega *y* nem *k* nem *w*.—Portanto, *lira, martirio, calendario, Venceslau...* Exceptuam-se só os vocabulos derivados de nomes proprios estrangeiros, como *byroniano, kantismo, wiclefitas...*

4º—Dentro dos vocabulos não se escreve *h*.—Portanto, *inerente, inibir, inabil, compreender, inumano...*

5º—Os ditongos oraes *ae, do, éo, óe*, substituem-se por *ai, au, éu, ói*.—Portanto, *pai, país, jornais, marau, chapéu, herói, anzóis...*

6º—Evitam-se consoantes inuteis.—Portanto, *escritura, escritor, escultura, distrito, salmo, luta...*

Exceptuam-se os casos em que a consoante, embora se não pronuncie, tem a utilidade de significar que é aberta a vogal que a precede, como em *exceptuar, rectidão, redacção, direcção, actor, etc.*, e nos vocabulos das mesmas familias: *excepto, recto, redactor, directo, actuar...*

7º—O pronome pessoal enclitico *lo* liga-se aos verbos por um traço.—Portanto, *tu faze-lo e eu não posso fazê-lo; louvá-lo; ouvimo-lo...*

8º—O emprego do *s* e do *z* é regulado pela etymologia e pelas tradições da lingua.

—Portanto, *portugues, frances, cortês, fregues, defesa, empresa*; e, ao mesmo tempo, *natureza, beleza, civilizar, realizar, organizar, vez, talvez...* Em caso de duvida, ha ainda o recurso dos bons dictionarios e vocabularios, organisados depois que é conhecida entre nós a sciencia da linguagem, isto é, nos ultimos vinte ou trinta annos.

9º—Escreve-se *igreja, idade, igual*.

10º—Accentuam-se graphicamente todos os vocabulos extruxulos.—Portanto *pálido, túmulo, crisântemo, lêvedo, hipódrômo, velódromo, diário, A'frica...* Accentuam-se os homographos, não homophonicos, pois ha *sêde* e *séde, governo* e *governo, dúvida* e *duvida, etc.* O accentto grave pertence ás vogaes abertas, não tónicas. Portanto, *córado, prégador, pégada...* E tambem se póde empregar para desfazer ditongo, como em *proibir, miúdamente*; e, para mostrar que o *u* se pronuncia depois de *g* ou *q*, como em *aghentar, frequente...* (quando convenha representar a pronuncia, especialmente no ensino primario).

Estes dez mandamentos se cifram em dous: não perder de vista os casos aqui consignados; e, quanto aos mais, continuar a escrever como escreviam os mestres.

O *Diario do Governo* executa rigorosamente esta reforma.

Muitos outros jornaes vão pelo mesmo caminho, incluindo o importante *Diario de Noticias*; e a opposição da rotina é insignificantissima.

Antes assim.

Carta aberta

AO SNR. TEODORO RODRIGUES

Precláro confrade

Cordeaes cumprimentos.

Foi com sincera e alvoroçada alegria que vi na *Revista do Ensino* o valioso trabalho que ahí publicastes com o suggestivo titulo—*Notas sobre as propozições*.

Tendo em vista o vosso brilhante renome, em que se conjunctam harmoniosamente os louros de poeta com as graves e austeras responsabilidades de philologo e escriptor didactico, e a magna relevancia do thema trazido á discussão, o qual, a despeito de muito debatido, offerecerá sempre algo de interessante a quem o ventilar com originalidade e talento, li e meditei o vosso estudo com a attenção e o respeito que sempre me infundem os ensinamentos dos estudiosos e sabedores.

E não me arrependi do meu trabalho, nem me desilludi nas minhas esperanças; ao contrario, no correr das vossas judiciosas reflexões, tive a consoladora impressão de travar conhecimento intellectual com um litterato a quem não repugna juntar á trama irisada das mil preoccupações estheticas em que se deleita, os asperos fios de canave das investigações philologicas e grammaticaes, que, monotonas e aridas, possuem, não obstante, o valor incomparavel de, revelando as bellezas do nosso idioma, permittirem alcançar no verso ou na prosa excelsas delicadesas rhythmicas, tão caras aos nossos ouvidos de greco-latinos em terceira mão.

Ha, porém, meu douto confrade, no bello ensaio que vae servindo de assumpto e reclamo á minha prosa chocha, alguns pontos em que, lealmente e com a consideração que me inspiraes, devo confessar, não posso concordar comvosco.

Logo no segundo periodo escrevestes—« Parece que ha uma pessima compreensão ou um lamentavel descuido dos que

nos ensinam a gramatica da nossa lingua no tocante á verdadeira metodização da analize sintatica etc.»

E mais adeante affirmaes existirem professores que admittem como *principal a primeira oração do periodo*, seja qual fôr a sua funcção significativa.

Não sei de que modo se faz o ensino de portuguez no Estado do Amazonas, onde estive pouco tempo e de cujos methodos didacticos nada conheço.

Sei, porém, e orgulhosamente o proclamo, que no Pará, onde vivo e lecciono ha quasi dez annos, e no meu Estado natal, onde fiz o curso de humanidades, nem ha professores tão idiotas que ensinem ser *principal a primeira oração do periodo*; nem existe essa «pessima compreensão ou lamentavel descuido», que estigmatizaes.

Lá, como aqui, o que se vê, o que se nos depara envaidedoramente, é uma pleiade de mestres conspicuos, profundos sabedores, não só do portuguez em que pontificam sem receio de controversias, como tambem do latim, do grego, e de quasi todas as linguas neo-latinas.

Para corroborar esta verdade basta citar ao acaso, em Fortaleza, José de Barcellos, Agapito Jorge dos Santos, Manoel Ambrosio da Silveira Torres Portugal, monsenhor Bruno Rodrigues de Figueiredo, padre João Augusto da Frota, Raymundo L. C. de Arruda, Francisco Gonçalves, e em Belém, Paulino de Brito, Laudelino Baptista e João Pedro de Figueiredo.

Poder-se-á por ventura desdenhar do valor didactico de mestres, cujas efficazes lições têm fructificado na formação de novos e dedicados professores?

De modo nenhum!

Não duvido que na áncia de ganho em que se dementam, alguns *arrivistas* sem escrupulos possam, arvorando-se em professores, dogmatizar sandices; mas, por Deus, meu eminente confrade, não confundamos a gralha desageitada sob o disfarce que lhe não assenta com a garbosa ave de Juno.

Agora, dado este cavaco, devido por mim aos mestres queridos, sob cujas vistas cuidadosas e sabias me iniciei nos complicados mysterios da grammatica, palestremos um pouco sobre os pontos capitaes do vosso artigo:— *a classificação do periodo em que ha mais de uma oração, e o modo de analysar as orações de gerundio.*

Quanto á primeira these, á parte umas insignificantes divergencias, relativas á technologia, pois se me afigura um tanto confuso o significado da palavra *proposição*, ora synonimo de periodo, ora equivalente a oração, estou de perfeito e absoluto acordo comvosco.

Com segura e elevada intuição do valor logico dos elementos componentes do periodo, ensinaes:— «Não ha, portanto, no meu traco modo de entender, *proposição composta por subordinação*, pois que essa *proposição* nada mais é si não a *proposição* complexa que se forma de uma principal acompanhada de uma ou de muitas subordinadas.

Só ha *composta por coordenação*, formada de orações do mesmo valor, sem subordinação, de maneira que, se o quizessemos, qualquer das coordenadas formaria periodo, sina! do quanto elas são independentes».

A doutrina ahi sustentada é, não ha duvida, verdadeira e apoiada nas inconcussas inducções da logica; e sobre maneira me admira que grammaticos do valor de Maximino Maciel citado por vós, Alfredo Gomes, Pacheco Junior, Lameira de Andrade e Ribeiro de Vasconcellos, se tenham deixado levar pela rotina, maculando os seus preciosos compendios com o illogismo dos periodos *compostos por subordinação*.

Concordando plenamente com a vossa opinião no assumpto, divirjo de vós no emtanto no que respeita á prioridade que suppondes vos pertencer na elucidação desta controversia, como se deprehende do seguinte periodo do vosso artigo:—«Folgo declarar, no emtanto, que na grámatica do insigne filologo Dr. João Ribeiro foi completamente eliminada essa doutrina que eu fui, talvez, o primeiro a combater na “Revista Amazonense” dedicada aos interesses da instrucção publica.»

Ha certamente, segundo creio, equivoco da parte do distincto professor.

Já na setima edição da Grammatica Portugueza do Dr. João Ribeiro, publicada em 1896, nos capitulos referentes ás *proposições* e que o auctor lealmente confessa inspirados em Mason e Alexander, está claramente consignado:—*Proposição composta* é a que se compõe de varias *proposições* que têm a mesma funcção na phrase.»

Para fallar com franqueza, não conheço as edições anteriores do notavel livro do erudito professor sergipano, o que

me inibe de saber se em alguma dellas elle ensinára a existencia de periodos *compostos por subordinação*.

Penso, porém, que nunca o fez, pois se assim houvesse acontecido e elle, suggestionado por outro grammaticographo, houvesse mudado de opinião, confessal-o-ia honestamente como no prologo da segunda edição, a proposito de Aureliano Pimentel e Macêdo Soares, que lhe corrigiram lapsos da primeira edição.—Além de João Ribeiro e mais proximo de nós, o distincto professor e grammatico Dr. Paulino de Brito, desde a primeira edição da sua *Grammatica complementar* editada ha mais de dez annos, ensina que só ha periodo composto, quando nelle coexistem duas ou mais orações independentes.

Se a “Revista Amazonense” que lamento na ter á mão, é anterior ás grammaticas de João Ribeiro e Paulino de Brito, cabe-vos incontestavelmente a precedencia no assumpto; no caso contrario, convenhamos, a primazia de tal ensinamento é de João Ribeiro e de Paulino de Brito que o diffundiu na Amazonia.

Passemos a outra questão aventada por vós—*as orações de gerundio devem ser analysadas com a oração de que dependem, ou formam uma subordinada á parte?*

Com argumentos até certos pontos accetaveis, defendeis a separação na analyse das orações gerundiaes.

Nisto, embora tenhaes de vosso lado opiniões respeitaveis, como a do nosso velho e douto Sotero dos Reis e, mais modernamente, as de Maximino Maciel e Paulino de Brito, não concordo comvosco, e dou as razões do meu dissentimento.

Os elementos principaes ou secundarios de uma oração tanto podem ser expressos por uma palavra, como por uma oração subordinada equivalente a esta palavra.

E’ assim que as funcções syntacticas, representadas na oração pelo substantivo, adjectivo e adverbio, são-no tambem pelas orações substantiva, adjectiva e adverbial.

Ora, ainda que o termo da oração representada pela subordinada, seja logicamente igual ao expresso pela palavra equivalente á mesma subordinada, não póde, todavia, pelo facto mesmo de estar desenvolvido em oração, ser analysado como se fosse uma simples palavra.

Ex. *Eu desejo a tua vinda*. Periodo simples, com uma só oração principal absoluta. Suj. *eu*, pred. log. *desejo a tua vinda*, pred. gramm. *desejo*, obj. dir. *a tua vinda*.

Eu desejo que venhas. Período simples com uma oração principal e uma subordinada substantiva. Oração principal — *eu desejo*. Suj. *eu*, pred. log. *desejo* (e a oração seguinte *que venhas*). Pred. gramm. *desejo*, obj. dir. da oração substantiva *que venhas*. Segunda oração subordinada substantiva— *que venhas*. Suj. *tu*, pred. *venhas*.

Disto se conclue nitidamente que o mesmo membro de phrase, segundo é expresso por uma palavra ou por uma oração subordinada, pôde ser analysado diversamente, comtanto que se lhe não adultere a significação.

O infinitivo e o gerundio, embora sejam formas verbaes e possam ter sujeito e complementos, accumulam ás funcções do verbo as do substantivo. São por isto um meio termo entre o substantivo e o verbo, podendo ao mesmo tempo exercer com ou sem connectivo preposicional as funcções de adjuncto adverbial, acompanhado ou não dos complementos que lhe competem como verbo. Isto posto, chegamos á conclusão de que, sendo o gerundio uma forma que participa simultaneamente da natureza do substantivo e do verbo, podemos na analyse syntactica tratá-lo ou como um adjuncto adverbial expresso por substantivo ou como uma oração subordinada adverbial.

Illustrarei o meu asserto com um exemplo lembrado por vós.

Estando o dia claro sahimos a passeio. Considerando a oração gerundial como simples adjuncto adverbial, analysa-se: período simples, com uma oração principal absoluta. Suj. *nós*, pred. log. *estando o dia claro sahimos a passeio*, pred. gramm. *sahimos*, adjs. advs. de tempo ou modo *estando o dia claro*, de fim—*a passeio*. Suj. do gerundio *o dia*, completivo ou attributo *claro*. Fazendo da oração gerundial uma subordinada á parte, temos: período simples com uma oração principal *sahimos a passeio* e uma subordinada adverbial *estando o dia claro*. Oração principal. Suj. *nós*, pred. log. *sahimos a passeio*, pred. gramm. *sahimos*, adj. adv. de fim, *a passeio*. Subordinada adverbial. Suj. log. *o dia*, suj. gramm. *dia*, adj. attr. *o*, pred. log. *estando claro*, pred. gramm. *estando*, completivo ou attributo *claro*.

Estranhará talvez, o douto confrade, que entre dois processos de analyse igualmente certos em face da logica, eu despreze aquelle que tem tido acceitação e defeza desde os tempos remotos e patriarchaes em que na Athenas brasileira, ao lado

de Gonçalves Dias e João Lisbôa, pontificava o veneravel Sotero dos Reis, até os dias presentes da moderna e tumultuosa Manáos, para preferir outro menos pomposo e menos venerando.

A explicação, porém, é simples e decisiva. Eil-a. Nestes nossos angustiados tempos de civilização vertiginosa, no seculo do aeroplano e da telegraphia sem fio, o ideal em tudo—em vias de communição, como em direito ou em grammatica—é a celeridade. Entre o carro de bois, que rangendo e aos solavancos, se arrasta morosamente no pó das estradas, e o automovel que devora as distancias; entre a velha analyse, lardeada de recheios inuteis e garnida de circumloquios balofos, e as formulas incisivas e claras por que anceiam hoje todos os ramos dos conhecimentos humanos, eu prefiro sempre o que me levar menos tempo, o que for mais simples e menos apparatuso.

E' a lei do menor esforço, universal e eterno, que acceto de bom grado na analyse como nas outras manifestações da actividade.

O que mais me espanta nesta discussão é vêr um impugnador estrenuo das velharias didacticas, contra que não poupa increpações e anathemas, desejar reviver, como novo, um systema de analyse que no presente offerece apenas o valor elucidativo de uma reliquia de outras eras . . .

Mas basta de grammatiquices.

Com os protestos da minha sincera admiração, peço-vos não enxergueis nos desalinhados periodos que aqui ficam, á guisa de carta, outra intenção alem de significar-vos os meus applausos pelo brilhante artigo que me deu aso a palestrar amistosamente sobre um assumpto que tanto me apraz.

Admirador sincero

Ferreira dos Santos

A Livraria Bittencourt, á rua 15 de Novembro—15, acaba de receber e expôr á venda os ultimos exemplares do bello ensaio de esthética da lingua portuguesa—**Fialho d'Almeida**, em que *Fléxa Ribeiro*, o festejado belletrista patricio, faz a critica d'arte das obras do grande e celebrado escriptor lusitano.

A instrução pública nos Estados

São Paulo

Para os que sabem avaliar a importancia pedagógica das syndicancias estatísticas, o alcance da medida administrativa e as vantagens resultantes para o ensino deste seguro criterio orientativo, possui já o Estado de São Paulo, que não se quita de trabalho neste particular, um vasto repositório de informações:—o *Annuário do Ensino*, publicação organizada pela Directoria Geral da Instrução Pública e de que temos sob a vista um exemplar referente ao anno de 1909. E', ao mesmo tempo, um trabalho de divulgação de métodos didácticos e assumptos de interesse exclusivo da instrução, e se ainda não faz competencia em acabamento e riqueza de informes ao *Report Commissioner of Education*, de Washington, já nos parece cousa de geito, de todo em todo organizado de sobremão e com a chaneza da verdade a contestar a mendacidade dos que, para armar effeito, proclamam de Estados mais desfavorecidos perfeições e progressos de encandear a vista. O *Annuário do Ensino*, ainda não deseivado de lacunas, já é, em summa de tudo, um incontestavel testemunho de quanto se empenha o governo paulista em complanar falhas porventura existentes na regulamentação e execução dos processos educativos adoptados.

O Estado de S. Paulo, com 3.029.650 habitantes, tem uma população escolar de 432.807 indivíduos, dos quaes 122.678 frequentam escolas e.... 310.129 não frequentam. Vê-se, portanto, que em opposição á porcentagem de 28,3% da população que frequenta escolas, existe a de 71,7% sem escolas.

Durante o anno de 1909 funcionaram 92 grupos escolares, destinados á educação de crianças de ambos os sexos e dos quaes 24 na capital e 78 no interior, em muitos delles desdobrado o curso em dois períodos (da manhã e da tarde) para poderem attender á densidade da população infantil em idade escolar.

Nos 92 grupos existia o total de 933 classes, tendo sido o governo forçado pela falta de vagas, no começo do anno lectivo de 1910, a crear mais nove grupos, elevando assim o numero de classes a 1152 e a 101 o numero de grupos escolares.

Eis o resumo do movimento geral de alumnos nos 92 grupos:

Alumnos matriculados—Masc.	21.229	
»	» —Fem.	20.046 41.275
Alumnos eliminados —Masc.	4.391	
»	» —Fem.	3.754 8.145

Alumnos promovidos—Masc.	10.455	
» » —Fem.	10.400	20.855
Porcentagem de promoção—Masc.	64,1	
» » » —Fem.	67,7	65,9
Terminaram o curso—Masc.	1.072	
» » » —Fem.	1.223	2.295
Frequencia média annual—Masc.	15.837,2	
» » » —Fem.	15.157,6	30.994,8
Porcentagem de frequencia annual—Masc.	81,4	
» » » » —Fem.	85	83,2

Além de grupos, mantem o Estado escolas-modelo, escolas reunidas, isoladas, cursos nocturnos e subvencionada não pequeno numero de instituições de ensino.

Annexa á Escola Normal funciona uma escola organizada de molde a por ella se modelar o ensino ministrado nos grupos, proporcionando a Directoria da Instrucção Pública todos os meios a seu alcance para que ella seja continuamente visitada pelo funcionalismo do magistério, procurando, deste modo, tornar, cada vez mais, conhecidos e divulgados os methodos ali exercidos de perfeita divisão de trabalho e de mais proficuos resultados.

A esse tempo cuidava tambem a administração de dar organização mais pratica ás escolas isoladas, creando para ellas uma nova escola-modelo, com organização especial, programma mais simples e perfeitamente de accordo com as necessidades dos habitantes das localidades onde não fosse possivel crear grupos.

O numero de escolas isoladas na capital era de 101, com o seguinte movimento:

Alumnos matriculados—Masc.	1.359	
» » —Fem.	1.822	3.181
Frequencia—Masc.	1.154	
» —Fem.	1.534	2.688
Alumnos promovidos—Masc.	532	
» » —Fem.	779	1.311
Alumnos diplomados—Masc.	2	
» » —Fem.	7	9

No interior do Estado funcionaram 1.232 escolas isoladas, divididas em de séde e de bairro.

Dos 171 municipios de que se compõe o Estado não houve um só que não tivesse ao menos uma escola.

Os dados estatisticos sobre as escolas isoladas são, em resumo, os seguintes:

Alunos matriculados—Masc.	20.312	
» » —Fem.	18.882	39.194
Frequencia—Masc.	15.225	
» —Fem.	14.847	30.072
Média de matrícula em cada escola		29,4
Frequencia média para cada escola		22,5

A distribuição das escolas isoladas pelos municípios não obedece a um critério previamente estabelecido e a um justo motivo de interesse. Assim é que municípios ha possuindo apenas uma escola isolada, quando outros têm-nas muitas, além de grupos. Campinas, por exemplo, possui 3 grupos escolares, 36 escolas isoladas, não incluindo 16 escolas municipaes; Santos tem 2 grupos, 11 escolas isoladas e o município mantem ainda mais 25 escolas.

Si, para alguns municípios, a maior densidade de população justifica o accrescimo de escolas, para outros, com uma só provida e uma grande extensão territorial, é uma clamorosa necessidade do grande Estado superar as difficuldades de distancia, falta de communicação e, muitas vezes, de conforto, para que o professor diplomado se abalance a acceptar nomeações com as quaes só poderá o ensino lucrar.

A Directoria da Instrução Pública estava a organizar uma relação das escolas desprovidas «com esclarecimentos a respeito de sua localisação, distancia em que se acham da estrada de ferro, preço do aluguel da casa e outros informes sobre as condições exactas do logar onde o professor tiver de exercer o magisterio».

As escolas reunidas constituem um typo intermedio entre as escolas isoladas e o grupo e não são mais do que duas ou mais escolas funcionando num só predio, algumas sujeitas a um director nomeado pelo governo. Esta organização tende a desaparecer.

Em 1909, funcionaram 11 escolas reunidas, com 2.525 alumnos.

Os cursos e escolas nocturnas, somente para o sexo masculino e para os maiores de 16 annos que não podem por affazeres frequentar as escolas diurnas, ministram ao proletariado os conhecimentos mais necessarios e de immediato alcance pratico: — «*Leitura e escripta, exercicios práticos de linguagem, arithmética e lições geraes*, comprehendendo noções de geographia e historia, geometria pratica e desenho, noções moraes e cívicas relativas aos deveres para com a familia, a sociedade e a pátria, applicações das sciencias physico-naturaes á indústria, ao commercio e á agricultura».

Estavam providos 36 cursos nocturnos e escolas nocturnas.

A's escolas públicas procura a administração dar uma feição essencialmente agricola sem, comtudo, convertel-as em aprendizados agricolas ou campos de experiencia.

«E' preciso, porem, que, ao lado do ensino intuitivo da botânica, da zoologia e das noções de sciencias physicas e naturaes, seja feita diariamente nas escolas a descripção da vida do campo, quer pelo lado hygienico, quer

pela face economica e pela belleza natural, como um meio de propaganda suggestiva a favor dos trabalhos agricolas, tornando-os assim mais attrahentes aos olhos da infancia.

«Os livros de leitura, as lições oraes dos mestres, os exercicios escritos, o desenho, os quadros que ornamentam a sala da aula, devem buscar de preferencia seus motivos nos factos e scenas da vida agricola brasileira».

Merece ser relida e meditada a memoria, respeitante á inclusão do ensino elementar agricola nos programmas das escolas preliminares, apresentada pelo dr. Oscar Thompson ao 1º Congresso de Ensino Agricola, reunido em S. Paulo, em 1910. Aquella assembléa consultiva, primeira que se convoca no Brasil e para a qual foram convidadas as pessôas mais illustradas e competentes em assumptos agricolas, discutiu e commentou as linhas geraes do programma submettido á autoridade de sua opinião, suggerindo alvitres, eselarecendo a conveniencia da adopção de certas medidas, cimentando resoluções de que dependia o problema do ensino agricola superior, medio e elementar.

Não se descure o Estado de animar e proteger os estabelecimentos particulares de ensino.

O orçamento para 1910 consignou uma verba de 445:900\$000 para subvenção a 38 estabelecimentos de ensino preliminar, na capital e no interior.

Aos estabelecimentos particulares não subvencionados auxilia tambem o governo, fornecendo muitas vezes mobiliario e material didactico.

Resumo dos dados estatísticos do ensino subvencionado:

CAPITAL

Numero de institutos subvencionados	17
Escolas de curso preliminar	13
» » » profissional	4
Numero de alumnos	3.083
Média para cada escola	181

INTERIOR

Numero de escolas subvencionadas	21
Escolas de ensino preliminar	19
» » » secundario	2
Numeros de alumnos	3.013
Média para cada escola	143

Em 1909 a matricula nas escolas particulares do Estado attingiu a 28.648, demonstrando notavel augmento sobre a do anno anterior.

A' iniciativa particular de bons mestres, elemento subsidiario de auxilio ao Estado na ministração do ensino, não se nega o governo a estimu-

lar e premiar desde que nella encontre a cooperação efficaz de que tanto carece a educação dos moços.

E' o seguinte o resumo estatístico das escolas particulares não subvencionadas:

Curso primario	243
» secundario	45
» profissional	3
Total	291
Municípios que têm escolas	49
» » não têm escolas	122
Numero de alumnos—Masc.	7.663
» » » —Fem.	6.182 13.845
Numero de escolas	250
Média por escola	55

As escolas estrangeiras que funcionam no Estado são muitas, principalmente italianas.

Não se recusam ao ensino da lingua, geographia e historia nacionaes, o que demoveu o Estado a fornecer lhes algum material que lhes facilite e regularise o ensino.

As duas associações italianas que existem em São Paulo:—*Federazione delle Scuole Italiane e Unione Magistrale Italiana*, mantem 95 escolas. A primeira custeia 67 escolas, com 5.354 alumnos; a segunda 28, com 2.080 alumnos.

Resumo das escolas estrangeiras:

Numero de escolas	127
Municípios que têm escolas	27
Municípios que não têm escolas	144
Numero de alumnos—Masc.	5.859
» » » —Fem.	2.848 8.707
Média para cada escola	68

O ensino municipal carece de uma orientação melhor considerada, tendente a uniformisal-o com o que ministram as escolas estadoaes. O governo e as municipalidades ainda não conseguiram achar as difficuldades e divergencias, que tanto lhes impedem a acção conjuncta e a obtenção de mais apreciaveis resultados.

Cogitava o Estado de combinar a remodelação das escolas municipaes, para que adoptem o programma da escola-modelo isolada, azando en-

sejo a mais efficazes ensinamentos e melhor distribuição e localisação das escolas, com que fatalmente lucrará a população em idade escolar nos lugares distantes, quasi sempre desprovidos de mestres por dependerem de demoradas e dispendiosas viagens.

Dos municipios do Estado 85 ha que não manteem nem uma escola e, circumstancia de admirar, entre elles está comprehendido o municipio da capital. Em compensação ha outros que empregam importancias bem apreciaveis de seus orçamentos na mantença de escolas em que se vão instruir os municipes. Santos mantem 25 escolas; Jahú, 17; Campinas, 16; Franca, 15; Bebedouro e Amparo, 13.

Resumo estatístico das escolas municipaes:

Total das escolas municipaes	395
Municipios que manteem escolas	86
» » não manteem escolas	85
Numero de alumnos—Masc.	8.899
» » » —Fem.	4.662 13.561
Média para cada escola	34,3

Resumo estatístico da população escolar do Estado em 1909

ALUMNOS MATRICULADOS	CAPITAL	INTERIOR	CAPITAL E INTERIOR
Em grupos escolares	14.702	26.573	41.275
Em escolas isoladas	3.272	35.922	39.194
Em escolas municipaes	—	13.561	13.561
Em escolas particulares	4.394	9.451	13.845
Em escolas particulares estrangeiras	6.537	2.170	8.707
Em escolas subvencionadas	3.083	3.313	6.096
Total	31.988	90.690	122.678

Existem em S. Paulo seis escolas normaes e podemos elevar o numero a sete si attendermos a que na da capital funcionam dois cursos: o da manhã e o da tarde.

E' certo que cinco das referidas escolas são para professores complementaristas, funcionando, porem, como normaes, desde 1905.

Estes professores complementaristas ainda não são equiparados aos normalistas e distinguem-se porque as leis lhes não permitem regencia effectiva de classes nas escolas. Esta desigualdade tende a desapparecer.

Resumo do ensino normal:

ESTABELECEMENTOS	Matriculados em 1909	Masculinos	Femininos	Diplomados em 1909
Escola Normal	515	80	435	80
Escola complementar Annexa	340	141	199	49
Escola complementar de Itapitinga.	197	69	128	30
Escola complementar de Piracicaba	183	73	110	30
Escola complementar de Campinas.	170	41	129	24
Escola complementar de Guaratinguetá.	172	58	114	23
Total	1.577	462	1.115	236

A escola normal de S. Paulo tem ainda os seguintes cursos annexos:

Escola-modelo "Caetano de Campos", com 516 alumnos.

Escola-modelo isolada tendo 96 alumnos.

Jardim da Infancia com 117 alumnos.

Verifica-se que em todas as escolas normaes do Estado a concorrência de alumnas é muito maior que a de alumnos. Na da capital, diplomaram-se em 1909—11 professores e 69 professoras.

O ensino secundario é ainda ministrado por tres gymnasios do Estado (capital, Campinas e Ribeirão Preto) e 17 particulares equiparados. Destes, 9 funcionam na capital:—gymnasio Macêdo Soares, S. Paulo, S. Bento, Diocesano, Anglo-Brasileiro, Sylvio de Almeida, Lusitano, Instituto de Sciencias e Lettras e Succursal do Nogueira da Gama. Os demais são: o de Hydecroft, em Jundiahy; o Nogueira da Gama, em Jacarehy; o S. Luiz, em Itú; o S. Joaquim, em Lorena; o Sorocabano, em Sorocaba; o Jorge Tibiriçá, em Jahú; o collegio Santista Coração de Jesus, em Santos, e o gymnasio do Amparo, em Amparo.

Movimento nos gymnasios:

Matricula nos do Estado.	559
« « 17 equiparados.	3585 4144
Alumnos diplomados em 1909.	160

Este ligeiro apontamento dos resultados e progressos do ensino em S. Paulo, dá uma idéa pallida do esforço empregado e interesse que continua a merecer do governo paulista esta grande causa social.

Conforta o espirito dos que se preocupam com tão importante problema, poder avaliar a consideravel somma de beneficios que, com os vastos recursos de seus orçamentos não ratinhados, derrama o glorioso Estado.

FESTAS ESCOLARES

A seguir, inserimos o interessante discurso proferido na Escola Normal, por ocasião da festa da collação de gráu aos novos professores, pelo orador official da solennidade, dr. Alfredo Chaves, competente cathedratico de Arithmetica e Algebra do estabelecimento:

Ao galgar os degrãos d'esta tribuna, ante tão numeroso e selecto auditorio, duas idéas me empolgam o cérebro e torturam a alma. A primeira é a certeza de me fallecerem os dotes oratórios indispensaveis para, substituindo o paranympho em bôa hora eleito pelos diplomandos, fallar-lhes em nome d'essa cerebração privilegiada, d'essa alma toda devotada ao bem, d'esse preceptor consciencioso e erudito, justamente considerado um dos luzeiros do magistério pátrio; d'esse orador primoroso cuja palavra fulgurante seduz e encanta; d'esse philólogo esclarecido, d'esse literato impecavel, d'esse jornalista brilhante, que é Paulino de Brito.

A segunda é a convicção que nutro de que a minha palavra desautorizada, a que faltam o lustre das idéas e o brilho da fôrma, seja nota dissonante n'esta festa augusta, n'este banquete do espírito em que tomam parte figuras do mais destacado realce no mundo das letras pátrias.

E foi impellido por motivos de tal modo relevantes que, por vezes, reluctei em acceitar a honrosa incumbência, que, galhardamente, poderia ser desempenhada por qualquer dos meus distinctos collegas de Congregação.

Tive que ceder, afinal, á carinhosa e consoladora prova de affecto que, por um requinte de generosidade e magnanimidade, ainda uma vez, me quiseram prestar os meus presados discípulos de hontem, que, attingindo o termo da jornada nobilitante e digna, recebem hoje o galardão de seus porfiados e acurados estudos, concretisado no diploma de professor normalista, que lhes dá ingresso no *grande mundo*, vasto scenário onde se desenvolve a actividade humana, para desempenharem a árdua, mas nobilíssima missão, de presidir e orientar o desabrochar das intelligências infantis.

O sentimento poude mais que a rasão; e eis porque, senhores, occupo, n'este momento, a vossa attenção com a aridez do meu discurso.

Vim dizer-lhes o adeus clássico dos mestres que ficam, aos seus queridos discípulos que vão; e a isso deveria limitar-me, augurando-lhes farta messe de victórias e venturas no sacerdócio que escolheram.

Permitti, porém, que, aproveitando o ensejo que se me offerece, ministre-lhes eu ainda alguns conselhos, fallando-lhes da sublimidade da missão que está reservada ao professor primário, quando conscienciosamente cumprida.

Deixae que eu lhes mostre a grandeza e a importância das funções que são chamados a exercitar na vida social.

Ao professor primário, meus caros discípulos, cabe, pode-se asseverar, o papel mais importante no desenvolvimento intellectual e moral dos povos; e é, por isso mesmo, que a educação, moral, intellectual e physica da infância é o problema que mais preoccupa ás nações policiadas.

A primeira educação decide da sorte do individuo: si foi bem orientada, teremos um homem util á sociedade, capaz de concorrer com a sua actividade para o engrandecimento de seu país e bem da humanidade; no caso contrário, será elle, fatalmente, um homem, quando não nocivo á harmonia social, ao menos sem aptidões para a lucta pela vida.

E' na primeira idade que se forma o character do individuo, do mesmo modo que é na primeira idade que se lhe prepara o desenvolvimento intellectual e physico.

«O ensino ministrado á mocidade de um país, diz uma das mais respeitaveis mentalidades do século, Gustave Lebon, permite avaliar o que seja amanhã esse país»; e, acrescenta com a convicção de um propheta, «a educação ministrada á geração actual justifica as mais sombrias previsões».

E este conceito do brilhante publicista tem a mais perfeita applicação ao nosso país, onde, por um lamentavel indifferentismo, é geralmente adoptado, em matéria de instrucção, os métodos rotineiros tão ardorosamente condemnados por Herbert Spencer, Fustel de Coulanges, Taine e tantos outros profundos observadores.

Taes métodos assentam no grande erro de suppôr-se que o desenvolvimento da intelligência obtem-se pelo prodigioso exercicio da memória.

A única preocupação do mestre é conseguir que os seus alumnos apprendam de cór todas as matérias do curso.

Decoram a grammática, decoram a geographia, decoram a arithmética, decoram emfim tudo, sem o mais ligeiro exercicio de raciocínio, sem a mais ligeira comprehensão do que prodigiosamente sabem recitar. Todo o trabalho consiste em desenvolver uma faculdade que toda creança tem, em detrimento manifesto das demais faculdades.

As consequências desastradas da adopção de tal método de ensino não ha quem as desconheça. O alumno não observa, não raciocina, habitua-se a repetir machinalmente as idéas alheias, sem o menor espirito de crítica; acceitando como verdades incontestes os mais grosseiros absurdos.

Uma tal educação, longe de concorrer para o desenvolvimento das capacidades profissionaes, torna impossivel o espirito de iniciativa, tão util e necessário ao desenvolvimento moral, intellectual e material do nosso país.—E essas consequências inevitaveis, fataes, do método adoptado se fazem sentir em todas as espheras da manifestação da actividade humana. Procuramos sempre imitar, sem critério, sem discernimento, sem observação emfim.

D'ahi as transplantações que fazemos de instituições adoptadas em outros países com resultados satisfactorios, sem as indispensaveis modificações que estão a indicar as differenças étnicas, climatéricas e sociaes.

Criança, o individuo habitua-se a decorar tudo nos estudos primários, reproduzindo como próprias, idéas alheias; adolescente, nos estudos secundários e superiores, não se pode libertar do hábito adquirido; homem, qualquer que seja o campo em que haja de exercer a sua actividade, persevera no vício original.

Não raro é ver-se, Snrs. Normalistas, mesmo nos cursos superiores, alumnos que, por occasião de uma prova pública, são, no expressivo dizer de Taine, verdadeiro repertório de todo conhecimento humano relativo ao assumpto de que se trata.

Qual a utilidade de semelhante *tour de force*? Em verdade, nenhuma; nem para o próprio individuo, nem para a sociedade; porque, quando mesmo algum valor pudesse ter a reprodução de idéas alheias, é preciso não perder de vista que a memória é das faculdades humanas a mais infiel. A memória deve ser convenientemente cuidada, não ha dúvida; mas não com esse excessivo rigor e muito menos com exclusão das demais faculdades, de que é mero auxiliar.

Demais, exigir de uma creaturinha, que mal ensaia os primeiros passos no terreno dos conhecimentos o exhaustivo esforço de decorar páginas e páginas dos compêndios, é tortural-a, é despertar-lhe na alma aversão pelos livros e o horror pelos estudos.

Um critério mais elevado deve presidir ao ensino na primeira idade.

O professor não deve ser o ferrenho disciplinador da infância, mas o seu amigo dedicado, o seu guia paciente e bondoso no mundo dos conhecimentos.

Ante as conquistas da pedagogia moderna, o alumno deixa de ser esse torturado de quem se exigia trabalho superior ás suas forças no campo meramente especulativo, para ser um observador dos múltiplos phenomenos que se desenrolam na natureza, iniciando-se nas leis que o regem; a escola deixa de ser essa casa execrada pela infância, que instinctivamente detesta tudo quanto lhe acarreta sacrificios, para ser um centro de attracções, onde os conhecimentos são ministrados, de accôrdo com os princípios scientificos, a par de distrações e exercicios apropriados.

Verdade é, Snrs. Normalistas, como já tive occasião de dizer d'esta tribuna em festa idéntica, que já é animador o movimento que se vae operando em todo o país, no sentido de banir de nossas escolas a rotina de um método erroneo, obsoleto e contrario a todos os princípios pedagogicos.

A última refôrma do ensino primário no nosso opulento Estado é prova inconcussa das boas intenções de que se acha animado o governo em relação ao problema pedagógico.

Si não representa ella uma obra perfeita, absolutamente extreme de vícios, constitúe por certo um passo dado com segurança na senda da ver-

dade, em que pese a grita enorme que em torno d'ella se levantou. Nem mesmo se poderia exigir que uma refôrma de tal natureza, que operou uma transformação radical no método de ensino até então adoptado, fosse uma perfeição e produzisse desde logo fructos apreciaveis, mesmo porque o magistério não estava preparado para executar os novos programmas.

Faltavam-lhe a um tempo os indispensaveis conhecimentos e a prática do novo método, que exige do mestre aptidões especiaes.

Si ella foi mais longe do que devera, substituindo o livro pelo mestre, em todo caso teve o grande alcance de expungir de nossas escolas esse hábito inveterado e nefário de abusar da memória do alumno; libertando-o dos atrozos supplicios que, de tal modo, lhe eram inflingidos pelos mestres impiedosos.

Si de outros erros se acha ella eivada, facil será corrigil-os a medida que a prática os fôr apontando.

O que se me afigura inadiavel é a refôrma de nossa Escola Normal, não só para imprimir-lhe ao ensino um cunho mais profissional, como ainda para introduzir-lhe no curso matérias, cujo conhecimento se faz indispensavel aos professores, taes como a physiologia e psychologia infantis.

Sim, meus caros discipulos, para que o ensino seja proveitoso é mister que seja individual.

O professor antes de tudo deve estudar as condições moraes e physicas do menino, cuja educação lhe foi confiada. Elle deve perscrutar a alma da creança, do mesmo modo que medir-lhe as forças intellectuaes e physicas, para que acertadamente possa escolher o método a seguir no ensino.

Por ahi se vê, Snrs. normalistas, quão espinhosa e delicada é a missão do professor primário.

Pois bem, meus queridos discipulos, a vós está reservada essa sublime tarefa, que exige grande somma de obrigações e sacrificios, por parte d'aquelles que, animados pelo sentimento de acrysolado patriotismo, fazem da dignificante profissão um verdadeiro sacerdócio.

Não vos deixeis, porém, dominar pela tibieza em meio á lucta.

Trabalhae com perseverança e a victória será certa. A recompensa dos vossos exhaustivos labores?! Essa encontrareis na gratidão dos vossos concidadãos e na paz de consciência que sempre gera a certeza do dever cumprido.

Sêde felizes!

Alfredo Chaves.

A Revista editará, em seu proximo fasciculo, um magnifico trabalho
—Hygiene Escolar, do nosso distincto collaborador dr. Acylyno de Leão.

Pelo Magisterio

DECRETOS

—*Fevereiro, 1912.*

Dia 3—A normalista Antonina Nunes da Silva, professora da 3ª escola elementar masculina do 4º districto da capital (Canudos), obteve 4 mezes de licença, na fórmula da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 6—Foi exonerada, a seu pedido, do cargo de inspectora de alumnas do Gymnasio Paes de Carvalho, dona Emilia Nunes Pedrosa.

Dia 8—Para exercer effectivamente o cargo de director do grupo escolar de Anajás, foi nomeado o sr. Gaston Rezende.

—A normalista Ernestina França Cardoso, professora da 3ª escola elementar da secção feminina do 5º grupo escolar da capital, foram concedidos tres mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 16 de Janeiro findo.

—Foram removidos:

o director do grupo escolar de Muaná, normalista Antonio de Jesus Martins, para o de Santa Izabel, que está vago;

o do grupo escolar de Marapanim, Pedro Valeriano de Moraes, para o de Muaná, e

o do grupo de Anajás, Orlando Tertuliano de Almeida Lins, para o de Marapanim.

Dia 14—Conforme requereu, foram concedidos á normalista Francisca Monteiro da Costa Rocha, professora da 1ª escola da secção feminina do grupo escolar da cidade de Obidos, quatro mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 8 do fluente mez.

Dia 15—Obteve quatro mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a normalista Luiza Baena, professora da 2ª escola elementar da secção masculina do 7º grupo escolar da capital.

—Foi nomeada a normalista Izabel Ferreira da Fonseca, para reger interinamente a 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Faro, que está vaga.

—Ao professor da 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Santa Izabel, normalista Felix Ferreira da Costa, foram concedidos quatro mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 1º do corrente mez, conforme requereu.

Dia 16—Foi exonerado, a requerimento seu, do cargo de thezoureiro-almojarife do Instituto Lauro Sodré, o sr. Alfredo Valle, sendo nomeado para exercer aquelle cargo, effectivamente, o sr. Francisco Ribeiro Tavares, 1.º official do mesmo Instituto.

—Foi aposentado o lente cathedratico da cadeira de allemão do Gymnasio Paes de Carvalho, sr. Henrique de La-Rocque. Damos na integra, na secção *Legislação do Ensino*, o respectivo decreto.

—A normalista Maria Gomes Gondim, professora da escola complementar mista do grupo escolar da villa de Castanhal, teve tres mezes de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, conforme requereu.

Dia 19—Para reger interinamente a 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar de 1.ª entrancia da cidade de Macapá, foi nomeado o normalista Cypriano Pereira Tavares.

Dia 21—Pedro Regalado Antunes de Souza foi nomeado para reger, interinamente, a escola elementar do sexo masculino da villa de Souzel.

—A professora da 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Bragança, Custodia Rosa de Lima, obteve quatro mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier.

Dia 22—Foi exonerado, a seu pedido, da regencia interina da 2.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar de 1.ª entrancia da cidade de Anajás, o sr. Euclides Comarú.

Dia 23—Para reger interinamente a 1.ª escola elementar masculina do grupo escolar de Vizeu, foi nomeada dona Raymunda Bezerra Ramos.

Dia 26—Foram concedidas ao normalista Alvaro Botelho Pinheiro, professor effectivo da 2.ª escola elementar masculina do grupo escolar da cidade de Santarém, quatro mezes de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 23 do corrente mez.

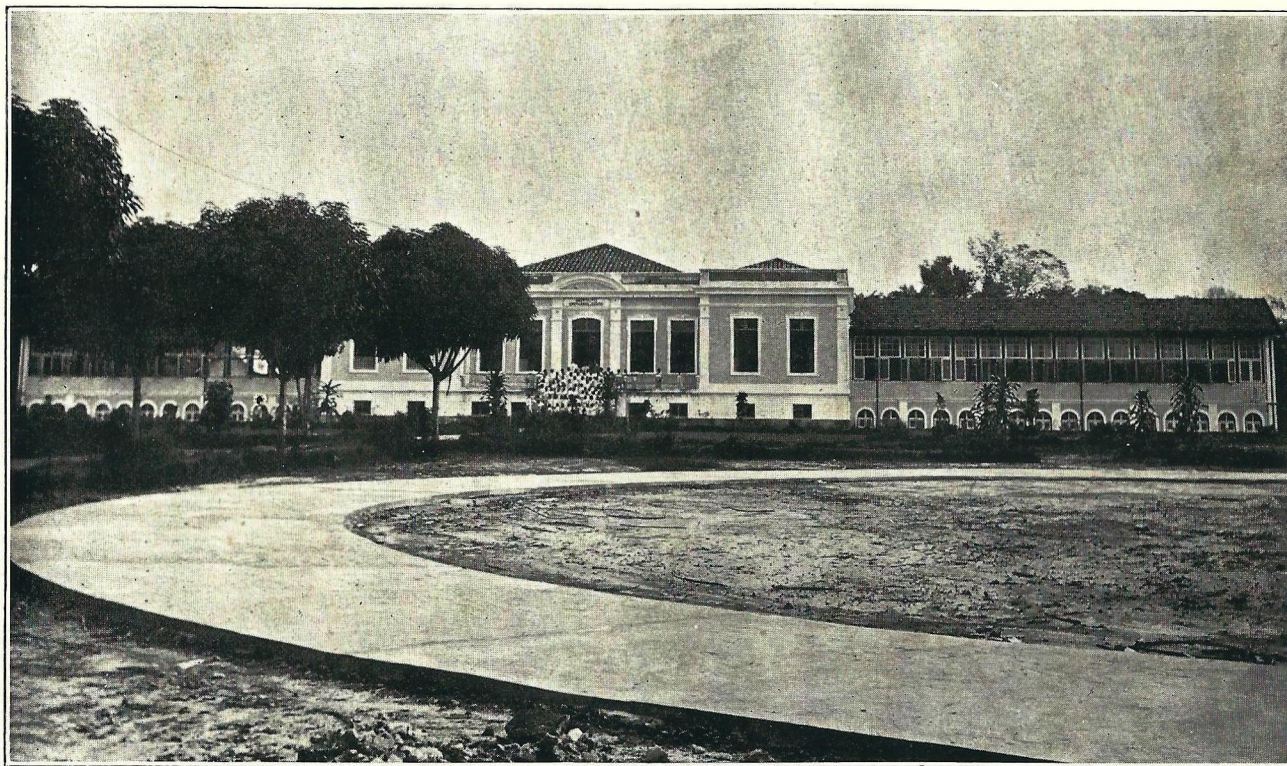
Dia 29—A normalista Amelia Joaquina de Souza, professora effectiva da 1.ª escola elementar masculina do grupo escolar da villa de Castanhal, foram concedidos quatro mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier.

PORTARIAS

—Fevereiro, 1912

Dia 3—Foram concedidos á normalista Porphiria Rodrigues da Silva Damasceno, professora da 1.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Baião, sessenta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

—Ao porteiro do grupo escolar da villa do Pinheiro, Genesio Avelino, foram tambem concedidos sessenta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a contar de 1.º do corrente mez.



Instituto orphanologico de Outeiro

—Em prorrogação, para continuar a tratar de sua saúde, obteve mais sessenta dias de licença, nos termos da lei, o porteiro do grupo escolar da cidade de Obidos, Joaquim Moreira.

—A normalista Adelaide Mauricia Saldanha foi nomeada para substituir a adjuncta do grupo escolar da cidade da Vigia, normalista Cecilia Otilia de Oliveira, durante o seu impedimento.

Dia 5—Fôram nomeados a normalista Adalgisa de Lima Maia e Tertuliano Decdato de Queiroz Filho, para substituirem, respectivamente, a professora da 1ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da cidade de Curuçá, normalista Maria Luiza de Souza Ferreira, e o adjuncto do mesmo grupo, Raymundo Luciano de Souza, durante os seus impedimentos.

Dia 6—Para substituir a professora da 3ª escola elementar do sexo masculino de Canudos, 4º districto desta capital, normalista Antonina Nunes da Silva, durante o seu impedimento, foi nomeada a normalista Amelia Hesketh Cavalleiro de Macedo.

Dia 8—Pedro Gonçalves Cordeiro foi nomeado para substituir o porteiro do grupo escolar da villa do Pinheiro, Genesio Avelino, durante o seu impedimento de licença.

—Para exercer effectivamente o cargo de porteiro do grupo escolar da cidade de Anajás, foi nomeado Samuel Abrahão Ohana.

Dia 10—Por conveniencia do ensino, fôram transferidas:

a adjuncta Joanna Feio de Lemos Maneschy, do 1º grupo escolar para o 7º;

a adjuncta Amancia de Oliveira Pantoja, do 6º para o 1º, e

a adjuncta Adelia Lacerda, do 7º para o 6º.

Dia 14—Conforme requereu, obteve dois mezes de licença, sem vencimentos, para tratar de seus interesses, a contar de 8 do corrente, o director do grupo escolar da villa do Mojú, José Marques da Silva.

—A professora da escola elementar mista da villa Operaria, em Marituba, normalista Djanira Guedes da Costa Pereira, fôram concedidos dois mezes de licença, na fórma da lei, para tratar de sua saúde, a contar de 26 de janeiro findo.

Dia 15.—Fôram concedidos dois mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde onde lhe convier, a contar de 1º do corrente, a normalista Raymunda Silva, professora da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da villa do Mosqueiro.

Dia 16—De accordo com a indicação do director do grupo escolar de Mosqueiro, foi nomeada a normalista Rosina de Oliveira Quaglia, para substituir a adjuncta Anna Corrêa Salgado Baptista, durante o seu impedimento.

—Para substituir a adjuncta do 7º grupo escolar da capital, que passou a reger a 2ª escola elementar da secção masculina do mesmo grupo durante o impedimento da professora Luiza Amelia Baena, foi nomeada a normalista Maria Carmen Alves da Cunha.

Dia 19—De accordo com a indicação do director do grupo escolar de Santarem, foi nomeada dona Herundina de Araujo Alves, para substituir o professor da 1ª escola elementar da secção masculina do referido grupo, normalista José da Silva Nunes, durante o seu impedimento de licença.

Dia 21—Para substituir a adjuncta do grupo escolar de Castanhal, que passou a reger a escola complementar mista do mesmo grupo, durante o impedimento da professora Maria Gomes Gondim, foi nomeada dona Diamantina Moreira de Paula.

—A' normalista Anna Rosa Rodrigues das Neves, professora effectiva da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da villa do Pinheiro, foram concedidos dois mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 22—Ao professor effectivo da escola do sexo masculino da villa de Matapyquára, Augusto Alves Galvão, foram concedidos dois mezes de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde.

Dia 23—A normalista Argemira Lameira Ramos foi nomeada para substituir a adjuncta que passou a reger a 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Bragança, durante o impedimento da professora dona Custodia Rosa de Lima.

Dia 26—Obteve trinta dias de licença, nos termos da lei, para tratar de sua saúde, a adjuncta effectiva da 2ª escola elementar da secção masculina do 4º grupo escolar (José Verissimo), normalista Anna Maurilla da Fonseca Pingarilho.

Dia 27—Agostinho Marques de Oliveira foi nomeado para exercer, effectivamente, o cargo de porteiro do grupo escolar da villa de Igarapé-assú.

—Para substituir o professor da 2ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da cidade de Santarém, normalista Alvaro Botelho Pinheiro, durante o seu impedimento de licença, foi nomeada dona Zilda Vieira de Miranda.

Dia 28—A normalista Izabel Ferreira Fonseca foi nomeada para substituir a professora da escola elementar mista de Americano, municipio da capital, normalista Joanna Nogueira de Almeida Carvalho, durante o seu impedimento.

—Para substituir a adjuncta do 5º grupo escolar da capital, normalista Francilia Pereira Nunes, durante o seu impedimento, foi nomeada a normalista Antonieta Sobral Amoêdo.

Dia 29—A normalista Petronilla Vieira foi nomeada para substituir a adjuncta do 4º grupo escolar (José Verissimo), Anna Maurilla da Fonseca Pingarilho, durante o seu impedimento de licença.

VÁRIAS—*Fevereiro, 1912*

—A' secretaria da Fazenda, communicou o sr. dr. Secretario da Instrucção Publica, para os devidos fins, que considerou em transito, a contar de 16 a 31 de janeiro ultimo, a professora do grupo escolar de São Miguel do Guamá, normalista Josephina Joaquina Ribeiro, nomeada por decreto de 27 de dezembro do anno passado para a 1ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar da villa do Mojú.

—Para informar, foi ao director do grupo escolar de Maracanã uma petição da normalista Secundina da Conceição, professora naquelle estabelecimento.

—O sr. dr. Secretario da Instrucção Publica declarou, em resposta a um officio do director do grupo escolar de Muaná, que deve passar o exercicio do cargo, nos seus impedimentos, á professora mais antiga do estabelecimento, normalista Alice Castro de Menezes, que já o tem substituído.

—A secretaria da Fazenda teve sciencia de que fôram abonadas as faltas dadas, no exercicio de suas funções, em 18 e 25 de janeiro findo, pelo director do grupo do Mosqueiro, Candido José de Vilhena.

—Para ser reformado, visto haver engano na classificação da escola, foi devolvido ao director da E. de F. de Bragança o attestado de exercicio da professora de Marituba, normalista Djanira Guedes da Costa Pereira, relativo ao mês de janeiro, e passado por um funcionario desse departamento.

—Continuando doente nesta capital o director do grupo escolar de Marapanim, conforme communicou ao sr. dr. Secretario, determinou este á professora mais antiga do grupo, normalista Victoria Cirne de Carvalho, que assumisse o exercicio daquelle cargo.

—Foi respondido o officio em que o dr. secretario da Faculdade Livre de Medicina e Pharmacia, de Porto-Alegre, communicou ao Exc.^{mo} Sr. Dr. Governador do Estado haverem sido empossados nos cargos de Director e Vice-Director dessa Faculdade, respectivamente, os srs. drs. Carlos Wallan e Octavio Lisboa de Souza.

—Foi considerada em transito, de 10 de agosto a 14 de setembro do anno findo, a professora do grupo escolar de São Miguel do Guamá, normalista Angiolina Ramos Pereira, nomeada por decreto de 2 do referido mês de agosto para o grupo escolar da cidade da Vigia. Communicou-se á secretaria da Fazenda esta resolução.

—Tendo sido diplomada pela Escola Normal do Estado a adjuncta do grupo escolar de Abaeté, D. Olindina Oliveira Pereira de Barros, pediu-se ao dr. secretario da Fazenda que dê suas ordens no sentido de a referida funcionaria perceber seus vencimentos de accordo com o Reg. Geral do ensino primario, em vigor.

—Em resposta ao seu officio n.º 145, de 12 de fevereiro, declarou o sr. dr. Secretario ao director do grupo escolar de Anajás, que, conforme dispõe o art. 217 do Reg. Geral do ensino primario, os directores de grupo, bem como os professores, na correspondencia official, devem dirigir-se sempre ao Secretário d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, e não ao Sr. Dr. Governador.

—Communicou-se ao director do grupo escolar da Vigia, que foi nomeada a normalista Adelia Mauricia Saldanha, para substituir a adjuncta Cecilia Othilia de Oliveira, durante o seu impedimento.



Actos Pelo sr. dr. Secretario da Instrucção Publica fôram
approvedos approvados, em fevereiro, os seguintes actos:
—do director do grupo escolar da Vigia, designando a adjuncta mais antiga, normalista Cecilia Othilia de Oliveira, para substituí-lo na regencia da 2ª escola elementar da secção masculina, durante o tempo em que o mesmo permanecer, em commissão, no exercicio daquelle cargo;

—do director do grupo de Curuçá, designando o adjuncto da 2ª escola elementar da secção masculina, Raymundo Severino de Souza, para substituir o professor da 1ª escola elementar da mesma secção, normalista Laur de Mattos Guerreiro, que se acha licenciado;

—do director do grupo de Muaná, contractando Francellina Maria da Costa para servente, em substituição de Maria Magno de Jesus, que declarou não poder mais continuar naquelle logar;

—do director do grupo de S. Miguel do Guamá, confiando a direcção da 2ª escola elementar da secção feminina, que se acha vaga, á professora da 1ª escola da mesma secção, normalista Elvira Vianna, até que aquella escola seja provida;

—do director do grupo de Castanhal, contractando Antonio Gomes dos Anjos para servente desse estabelecimento, visto ter sido dispensado o effectivo;

—do director do grupo de Soure, fazendo nova divisão dos alumnos pelas diversas escolas, conforme o adoptado nos outros grupos;

—do director do 1º grupo da capital, designando a adjuncta da 2ª escola elementar da secção feminina, normalista Maria Analia Lobo, para substituir, provisoriamente, a professora da 1ª escola elementar da mesma secção, normalista Cecilia do Amparo de Araujo Bastos, que, por motivo de molestia, tem deixado de comparecer;

—do director do grupo de Santarém, nomeando dona Herundina de Araujo Alves para substituir o professor da 1ª escola elementar da secção masculina, normalista José da Silva Nunes, que se acha licenciado, sendo essa nomeação ratificada pelo sr. dr. Secretario, na conformidade do art. 60 do Reg. Geral do ensino primario;

—do director do grupo do Mosqueiro, designando a adjuncta mais antiga, normalista Anna Corrêa Salgado Baptista, para substituir a professora da 2ª escola elementar da secção masculina, normalista Raymunda Silva, durante o seu impedimento de licença;

—do mesmo, designando dona Raymunda Bezerra Ramos para servir, provisoriamente, na 1ª escola elementar da secção masculina desse grupo;

—do director do grupo de Santarem, contractando Angelo Fonseca para servente do estabelecimento;

—da directora do grupo de Santa Izabel, designando a adjuncta Maria Pereira da Silva Motta para substituir o professor da 1.ª escola elementar masculina, normalista Felix Ferreira da Costa, durante o seu impedimento;

—da directora do 5.º grupo, designando a adjuncta desse estabelecimento, normalista Francilia Pereira Nunes, para substituir a professora da 3.ª escola elementar da secção feminina, normalista Ernestina França Cardoso, durante o seu impedimento;

—do director do grupo de Vizeu, suspendendo por tres dias as aulas desse estabelecimento, como demonstração de profundo pesar pelo fallecimento, em 30 de janeiro ultimo, do major Olympio José Pereira, intendente municipal e presidente do Conselho Escolar;

—do director do grupo de Santarém, designando, provisoriamente, dona Zilda Vieira de Miranda para substituir o professor da 2.ª escola elementar masculina, normalista Alvaro Botelho Pinheiro, durante o seu impedimento;

—do director do grupo de Igarapé-assú, chamando o sr. Agostinho Marques de Oliveira para servir, interinamente, o cargo de porteiro desse grupo, em substituição ao serventuario effectivo, que falleceu;

—do director do 7.º grupo, designando a adjuncta Belmira de Jesus Franco para substituir a professora da 2.ª escola elementar da secção masculina, normalista Luiza Amelia Baena, durante o seu impedimento;

—do director do grupo de Obidos, sobre homenagens prestadas á memoria do Barão do Rio Branco;

—do director do grupo de Santa-Izabel, designando dona Petronilla da Silva Monteiro para substituir a adjuncta Maria Pereira da Silva Motta, durante o seu impedimento;

—do director do grupo do Pinheiro, suspendendo as aulas desse estabelecimento por tres dias, em signal de sincero pesar pelo fallecimento do director effectivo, normalista José Alves da Cunha Moreira.



Faltas justificadas

Fôram justificadas as seguintes faltas:

—de 16 a 31 de janeiro,—á adjuncta da 2.ª escola elementar da secção masculina do grupo escolar de Bragança, normalista Genoveva Déa da Silva;

—de 15 a 19, á normalista Antonina Nunes da Silva, professora da 3.ª escola elementar masculina do bairro de Canudos, 4.º districto da capital;

—de 15 a 18, aos normalistas Samuel Epaminondas da Costa e Paulina de Oliveira Castro da Costa, professores da 1.ª escola elementar masculina e da 2.ª feminina, respectivamente, do grupo escolar de Mocajuba;

—de 16 a 31, á adjuncta da 1ª escola elementar da secção masculina do 6º grupo, normalista Maria do Carmo de Carvalho;

—de 22 a 31, á normalista Geraldina das Mercês Tavares, adjuncta no 4º grupo (José Verissimo);

—de 15 a 18, á professora interina da 2ª escola elementar da secção feminina do grupo escolar da cidade de Baião, normalista Joaquina Arnaud;

—de 22 a 27, ao director do grupo escolar de Soure, normalista Gasparino Baptista da Silva;

—de 22 a 27, á normalista Merandolina de Farias Damasceno, professora da 1ª escola elementar da secção feminina do 5º grupo escolar;

—de 16 a 31, á professora da escola elementar do sexo feminino da villa de Almeirim, dona Emiliana de Andrade Ramos;

—de 15 a 31, á normalista Antonia de Novaes Tavares, professora da 2ª. escola elementar feminina do grupo de Alemquer;

—de 16 a 31, á normalista Francisca Monteiro da Costa Rocha, professora da 1ª. escola elementar feminina do grupo de Obidos;

—de 16 a 20 e de 24, á adjuncta da 1ª. escola elementar feminina do grupo do Mosqueiro, normalista Anna Corrêa Salgado Baptista;

—de 16, á normalista Maria Magno de Araujo, professora da 2ª. escola elementar masculina do 1º. grupo;

—de 18 a 31, á normalista Raymunda Silva, professora da 2ª. escola elementar masculina do grupo escolar da villa do Mosqueiro;

—de 15 a 28, ás normalistas Alzira Machado de Mendonça e Isaura Machado de Mendonça, professora e adjuncta no grupo escolar de Cameté;

—de 15 a 25, á dona Eosina de Magalhães, professora interina da 1ª. escola elementar da secção masculina do grupo de Muaná;

—de 16 a 26, ás normalistas Celina Hylarião de Moraes e Olindina Oliveira Pereira de Barros, professora e adjuncta no grupo escolar de Abaeté;

—de 16 a 19, aos normalistas Cantidio Eliezer da Silva Nunes e Emilia Maia de Miranda, director e professora do grupo escolar de S. Miguel do Guamá;

—de 18 a 27, ao professor da escola elementar masculina da villa de Collares, Orlando Carvalho Guilhon de Oliveira;

—de 22 a 31, á normalista Anna Maurilla da Fonseca Pingarilho, adjuncta no 4º. grupo escolar;

—de 16 a 31, á directora efectiva do 5º. grupo, normalista Maria Luiza Pinto do Amaral;

—de 16 a 31, á normalista Secundina da Conceição, professora da 2ª. escola elementar da secção feminina do grupo escolar de Maracanã.

Homenagem do Estado

á memória do Barão do Rio Branco

A homenagem civica prestada pelo Pará á memória do maior dos brasileiros do nosso tempo,—o segundo Paranhos, é daquellas que merecem especial registo, pelo seu valor patriotico como pela sua alta significação moral.

Rio Branco foi, no momento, a expressão mais perfeita da nossa nacionalidade. Elle era bem a synthese dos sentimentos e das aspirações de um povo. O Brasil, cheio de legitima fé, confiou á firmeza guiadora das suas mãos e á clarividencia inigualavel do seu olhar, a marcha victoriosa dos seus destinos. A' honra inconspurcavel do maior de todos os seus filhos, a Terra Amada confiara a sua propria honra, que elle tornou intangivel, devolvendo-a intacta, no sagrado esplendor de toda a sua pureza. E ninguem, como elle, em tempo algum, soube sahir-se ainda, com galhardia tamanha e com tão inexcedivel brilho, de outorga tão memoravel. Foi elle, incontestavelmente, nos dominios da Lei, do Direito e da Razão, o mais acerrimo e decidido defensor dos interesses da Patria, que viu no seu grande Delegado a lidima encarnação das suas mais justificadas esperanças. Sob o influxo salutar da sua directriz, teve a Republica os seus limites assegurados, distentidas as suas fronteiras, respeitada a sua integridade. Para as duas Americas, como para a Europa mesmo, o segundo Paranhos foi, no conceito unânime dos povos, o intemerato Principe da Paz. As nações, sob a bandeira da Concordia que elle desfraldou, apertaram-se fraternalmente as mãos, commungando connosco no grande banquete civilizador do Trabalho. Na douta assembléa de Haya, em que se reuniram os representantes máximos da Civilisação e do Mundo, o seu immenso espirito pairou, dominando pelo Verbo formidavel de Ruy Barbosa, por ventura a mais completa cerebração actual da raça latina. Foi um luctador e um forte, luctando pela Paz com a força inabalavel do Direito e da Justiça. Deve-lhe o Brasil, nos dias que correm, as suas conquistas mais gloriosas, ganhas, no terreno pacifico das idéas, pelos seus talentos e pelos seus esforços, pela sua dedicação e

pela sua vontade, e, sobretudo, pela sua Moral e pelo seu Amor. A Patria era elle. Ella irradiava nas fulgurações geniaes do seu olhar; estuava na grandeza infinita do seu coração; palpitava nas serenas manifestações do seu pensamento; falava nas vibrações augustas da sua palavra. Era a alma do seu Ser; a luz da sua Razão; o sagrado penhor do seu Affecto; a força determinante da sua Acção.

Justo é, portanto, que o Brasil, vendo-o desapparecer do scenario da vida, renda ao Morto Immortal, reverentemente, todas as homenagens do seu profundo reconhecimento.

O Pará, que lhe deve a integridade do seu territorio, e, com ella, a segurança da sua tranquillidade, não podia, por sua vez, deixar de prestar á querida memória do grande patriota o preito merecido da sua immorredoura veneração.

Foi o que fez, no dia 10 do corrente, com a festa civica realisada no quinto grupo escolar da capital.

Promovida pelo Governo do Estado, presidiu-a o sr. dr. Fléxa Ribeiro, digno secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica.

Levando-a a effeito numa casa de instrucção, quiz o Governo que ella ficasse valendo, para a Mocidade, por um salutar ensinamento civico.

A solennidade decorreu com o máximo brilho. A's 9 $\frac{1}{2}$ horas precisas da manhã, no salão principal do estabelecimento, perante numerosa assistencia e os corpos docente e discente do grupo, o sr. dr. Fléxa Ribeiro, secretario da Instrucção Publica e representante do Exm.^o Sr. Dr. Governador do Estado, abriu a sessão, sendo então entoado pelas alumnas o *Hymno á Bandeira*.

Em seguida, usou da palavra o sr. dr. secretario, que pronunciou vibrante e patriotico discurso sobre a personalidade do Barão do Rio Branco, concitando a Mocidade a seguir os seus bellos exemplos, trabalhando denodadamente pelo engrandecimento do Brasil. A palavra victoriosa do joven tribuno constituiu uma empolgante lição de civismo, que prendeu por algum tempo a selecta assembléa, dominada pelas largas rajadas arrebatadoras da sua imaginação alcandorada, pompeando galhardamente no lavor inconfundivel do periodo sonoro. Foi uma verdadeira apothéose á memoria do grande brasileiro morto.

Palmas estrepitosas acolheram a sua ultima frase.

Obedecendo o programma, o menino Donato Pires dos Reis recitou, com bastante clareza, a poesia de Olavo Bilac, intitulada *A Patria*; a menina Elodie Teixeira, a poesia de Theodoro Rodrigues, *A instrucção*; o alumno Henrique Coqueiro, os versos de Bernardo Guimarães, *A independencia*; sendo todos muito applaudidos.

Effectuou-se depois a inauguração do retrato do eminente brasileiro, que se achava velado ao centro do salão por uma bandeira paraense, presa por laços de fitas auriverdes.

Duas interessantes meninas pegaram das pontas desses laços, fazendo-os correr.

Nesse momento, uma demorada salva de palmas foi ouvida, sendo executado o hymno brasileiro pela banda da brigada e descoberta a rica moldura, representando o pendão nacional, e em cujo centro se destacava o busto de Rio Branco, que foi alvejado por mancheias de petalas de rosa.

Teve seguimento o programma com a inspirada poesia de Luiz Murat, intitulada: «Hymno á Paz», declamada pelo intelligente menino Dulcidio Barata.

Usando da palavra, a directora do grupo, mlle. Maria Luiza Pinto do Amaral, agradeceu então ao representante do governo, dr. Fléxa Ribeiro, a distincção conferida ao grupo que dirige, mudando o seu nome para o do egregio Barão do Rio Branco.

O programma terminou com o Hymno Brasileiro, cantado pelas alumnas do grupo e ouvido pelos presentes com religiosa attenção.

Os acompanhamentos fôram feitos por um tercetto, regido pelo sr. Manoel Paiva, e do qual faziam parte os professores Herminio Barbosa e Anisio Mello.

Depois do acto, o dr. Fléxa Ribeiro convidou os presentes a assistirem á collocação da lápide commemorativa daquella homenagem.

S s., acompanhado das auctoridades civis e militares, do corpo consular e pessoas presentes, bateu os pregos de prata da lápide de marmore que se achava collocada á parede do lado direito da porta do estabelecimento, sendo a solennidade terminada por nova salva de palmas.

Na lápide lia-se a seguinte inscripção, gravada a ouro :

Grupo Escolar Barão do Rio Branco

*A juventude veja em seu renome
Um exemplo de amor ao pátrio nome;*

*E procure imitar sua grande obra,
Onde a paz rutilante se desdobra.*

*Da Pátria Brasileira na aurea historia
AMAPÁ e MISSÔES sagram-lhe a gloria.*

X—março—MCMXII.—Sendo Governador do Estado o Exm. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, foi inaugurada esta lápide commemorativa.

A professora Pinto do Amaral leu, após, a acta da sessão, que publicamos a seguir, e que foi assignada pelos presentes.

Destes podemos colher os nomes seguintes: professoras do grupo escolar Barão do Rio Branco, Olympia Cunha, Marietta Infante de Castro, Maria Lavareda da Rocha, Carlota Justo Ribeiro, Brazia Gurjão, Juventina Damasceno Pereira Serra, Merandolina Damasceno Pereira, Cecilia Araujo dos Santos, Francilia Pereira Nunes, Mathilde Moreira, Antonietta Amoêdo, Vicencia Nascimento, Domingas Augusta Soares e Odina Dorothea Cardoso; do 4.º grupo: professoras Anna Barrau Meninea, directora, Petronilla Viêira, Gemina Pinto, Virginia Cunha, Ignez Castro e Donatilla Oliveira; do 3.º grupo, professor Presciliano Ferro e Silva; do 2.º, professoras Placidia Alves Cardoso, directora, Barbara Lienthier, Brasilina Guimarães, Vicentina Faria, Margarida Ramos Martins, Raymunda Mello e Anna da Costa Leite; do 1.º grupo, professor Manoel José Pereira de Carvalho, director, e o director do 6.º grupo, Raymundo Polycarpo Monteiro Junior.

Pelo instituto Gentil Bittencourt, as professoras Isaura Pires, Adolphina Infante de Castro, Catharina Dourado, Angelina P. da Serra Freire e Georgina Telles, e um grupo de alumnas; pelo instituto Lauro Sodré, o professor Quintiliano de

Moraes, director, Julio Ouriques, inspector, e uma turma de 6 alumnos.

Outros collegios se fizeram representar.

Notamos mais a presença dos consules de Portugal, Italia, Allemanha e Estados-Unidos; dr. Leopoldino Lisboa, inspector escolar; tenente Roberto Vasconcellos, ajudante de ordem do commandante geral da brigada; tenente-coronel Miguel Fontelles, commandante do corpo de cavallaria; dr. Avertano Rocha, desembargador Augusto Borborema, presidente do Senado, Avelino Ferreira do Nascimento, representante do secretario da Fazenda, Eugenio Campos, pelo Centro patriotico 15 de Agosto, representantes d'A *Capital*, *Estado do Pará*, *A Provincia*, *Folha do Norte* e *Revista do Ensino*.

Nos intervallos da parte litteraria, a orchestra executou o seguinte programma: «Hymno á bandeira» de Francisco Braga; «Serenata Hougroise» V. Jocieres; «Longe d'Amor» valsa lenta, Manoel Luiz Paiva; «Rose Paurpes» valsa, Ernest Weilez; «Ave Maria», meditação, e a marcha «Ponto final», Manoel Luiz Paiva.

ACTA da sessão civica promovida pelo Estado do Pará, no quinto grupo escolar da capital, em homenagem á memoria do Barão do Rio Branco.

Aos dez dias do mês de março de mil novecentos e doze, ás nove horas da manhã, no salão nobre do edificio em que funciona o quinto grupo escolar da capital, effectuou-se, sob a presidencia do Exm. Sr. Dr. José Fléxa Pinto Ribeiro, Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, a solenne sessão civica promovida pelo Estado do Pará em homenagem á memoria imperecivel do incllyto Barão do Rio Branco, o benemerito defensor da integridade territorial do Brasil.

Com esse patriotico acto de alevantada significação, quiz o Estado render ao Immortal Brasileiro inesquecivel preito de veneração e reconhecimento, pelos nomeadissimos serviços por elle prestados ao Pará, conquistando o alargamento das suas fronteiras, e assegurando, para todos nós, pelo seu trabalho, pelos seus esforços e pelo seu talento, a tranquillidade e a paz. Uma lápide commemorativa, collocada na fachada deste estabelecimento de ensino, perpetuará, na mudez eloquente do marmore, como um ensinamento ás gerações por vir, esse nobre gesto de gratidão do Estado do Pará.

Encerra esse documento de pedra, que relembra um dos factos mais notaveis da nossa Historia, as seguintes inscrições:

GRUPO ESCOLAR "BARÃO DO RIO BRANCO"

A juventude veja em seu renome
Um exemplo de amor ao pátrio nome;

E procure imitar sua grande obra,
Onde a Paz rutilante se desdobra.

Da Patria Brasileira na aurea história,
Amapá e Missões sagram-lhe a gloria.

X, Março, MCMXII. Sendo Governador do Estado
o Exm. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, foi gravada esta
lápide commemorativa

Abriu a sessão o Exm. Sr. Dr. Fléxa Ribeiro, Presidente, que explicou largamente, num brilhante improviso, o fim da solennidade.

A assistencia era selecta, notando-se, além da mocidade escolar e de incomputavel numero de senhoras, as primeiras auctoridades e cavalheiros da nossa mais alta representação social.

Foi observado, sendo enthusiaticamente applaudido em todos os seus numeros, o seguinte programma:

HIMNO Á BANDEIRA—cantado pelas alumnas.

ABERTURA DO ACTO—pelo Exm. Snr. Dr. Secretario d'Estado da
Instrucção Publica.

A PATRIA—(Olayo Bilac)—Donato Pires dos Reis.

A INSTRUÇÃO—(Theodoro Rodrigues)—Elodie Teixeira.

A INDEPENDENCIA—(Bernardo Guimarães)—Henrique Coqueiro.

HIMNO Á PAZ—(Luiz Murat)—Dulcidio Barata.

HIMNO BRASILEIRO—cantado pelas alumnas.

INAUGURAÇÃO DO RETRATO DO BARÃO DO RIO BRANCO E DA LÁPIDE
COMMEMORATIVA.

O Governo do Estado, por um Decreto lido na occasião, sob calorosos applausos da assistencia, deu o nome do Barão do Rio Branco ao quinto grupo escolar.

Encerrando a memoravel solennidade civica, ás onze horas da manhã, mandou o Exm. Sr. Dr. Presidente lavrar esta acta, que vai subscripta como se segue:

(Estavam innúmeras assignaturas).

—Na secção *Legislação do ensino*, inserimos, na integra, o Decreto que deu o nome do Barão do Rio Branco ao 5.º grupo escolar da capital.

Notas e Noticias

Dr. Fléxa Ribeiro

Enfermou seriamente, ha dias, o presado redactor-chefe da Revista do Ensino, dr. Fléxa Ribeiro, que, felizmente, já entrou em franco restabelecimento.

A Revista

Com o fasciculo passado encerramos o primeiro tomo da Revista, que constará de dois tomos por anno, com mais de 400 páginas cada um.

Assim, este opúsculo, que é o 7.º do 1.º anno, inicia o segundo tomo, e, com elle, o segundo semestre da publicação do nosso mensário.

Por engano, que neste rectificamos, sahiu na capa do numero passado mencionado 2.º anno, quando o 1.º só terminará com o 12.º fasciculo, ultimo do 2.º tomo.

Logo que recebamos da Europa as capas em percialina que alli estamos mandando fazer, para encadernação da Revista, distribuil-as-êmos pelos nossos dignos assignantes.

Reforma orthográfica

Por acharmol-o interessante, e digno de leitura, transcrevemos na secção competente—*Questões de grammática e philologia*, o trabalho que, sobre a reforma da orthographia portuguesa, acaba de publicar, sob o titulo acima, o notavel philologo português Candido de Figueiredo.

As nossas gravuras

Illustramos este numero da Revista com duas excellentes gravuras: uma representa a fachada principal da Academia Livre de Direito do Pará, á praça da Trindade, nesta capital, sendo a outra um bellissimo aspecto do Instituto Orphanologico do Outeiro, utilissimo internato de educação primária para

crianças de 8 a 12 annos, creado e mantido pelo Governo do Estado em local saluberrimo e pittoresco, no furo do Pinheiro, proximo de Belém.

Nesse estabelecimento recebem os educandos o preparo inicial para a matricula no Instituto Lauro Sodré.

Lei orgânica

No proximo numero iniciaremos a publicação da *Lei orgânica de Ensino Superior e do Fundamental na Republica*, proficientemente commentada por um abalisado professor.

Versando sobre assumpto de palpitante actualidade, como seja a reforma do ensino superior, e, por isso mesmo, da máxima relevancia, chamamos para elle a attenção dos interessados.

Coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes

Registamos pesarosos o desaparecimento do conhecido e estimado educador tenente-coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes.

Nascera na Bahia, mas viera para este Estado ainda na infancia e aqui fez os seus estudos no antigo seminario do Carmo, seguindo depois para França.

Era sua primeira intenção abraçar a vida ecclesiastica, decidindo-se, depois, pelo militarismo, carreira em que revelou notavel dedicação, sendo considerado um dos mais aproveitaveis elementos da sua classe.

Neste Estado, desempenhou o tenente-coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes varios cargos, taes como o de administrador dos correios, prefeito e chefe de segurança, lente de musica da Escola Normal, Gymnasio Paes de Carvalho e Conservatorio Carlos Gomes. Dirigio tambem, com muita proficiencia, o extincto collegio Providencia.

Ao presente, exercia o cargo de chefe do ensino tecnico do Instituto Lauro Sodré, tendo por varias vezes assumido a direcção desse estabelecimento, que muito lhe deve.

Em agosto do anno proximo findo, em consequencia da molestia que o victimou, licenciou-se, entrando para uma

casa de saúde e seguindo, mais tarde, para a sua fazenda Villa Nova do Teso, no municipio da Cachoeira, onde falleceu a 2 do corrente mez, assistido de toda sua familia.

Sua morte, que causou fundo pesar a quantos tinham a fortuna de cultivar a sua amizade, repercutio dolorosamente no estabelecimento de que era chefe, e, a proposito, o actual director baixou a seguinte portaria:

«Com a mais profunda magua, esta Directoria vem cumprir o doloroso dever de scientificar a todos os empregados d'esta casa o infausto fallecimento do prêsado Director e amigo senr. tenente-coronel Aureliano de Pinto Lima Guedes, occorrido no dia 2 do corrente, na villa da Cachoeira.

Diante da dôr acerba que a todos avassalla n'este momento, julgo desnecessario encarecer os valiosos serviços por elle prestados ao nosso Estado, á sociedade e ao Instituto, visto como elles estão no coração de todos os que aqui trabalham e trabalharam.



Como demonstração de pesar e merecida homenagem ao extincto, esta Directoria resolve suspender todos os trabalhos por tres dias, cerrar as portas e janellas do estabelecimento, hastear o pavilhão a meia verga e envolto em crepe, e convidar aos empregados do Instituto a tomar lucto por oito dias.

Directoria do Instituto Lauro Sodré, em 6 de março de 1912.

O Director interino

Miguel Quintiliano de Moraes.»

A' familia do illustre extincto deixamos aqui expressas as nossas condolencias.



Legislação do ensino

DECRETO—DE 9 DE MARÇO DE 1912.

Passa a denominar-se BARÃO DO RIO BRANCO o quinto grupo escolar.

O Governador do Estado, considerando que a homenagem publica rendida á memória dos grandes brasileiros é dever sagrado de justiça e alto e fecundo exemplo de civismo á juventude das escolas;

considerando que na historia dos feitos nacionaes o nome do Barão do Rio Branco se assignalou para a immortalidade por serviços d'uma relevancia inolvidavel, como patriota e propugnador da paz;

considerando mais que o morto insigne foi o exemplo brilhantissimo, a intelligencia activa e perseverante que integrou o territorio do Amapá ao solo paraense e ao patrimonio nacional, e que por tão alevantado emprehendimento e conquista benemerita o Estado é devedor á sua illustre memória de preito de summa gratidão;

Decreta :

Art. 1º—Passa a denominar-se grupo escolar Barão do Rio Branco o 5º grupo escolar com séde nesta capital.

Art. 2º—Revogam-se as disposições em contrario.

O sr. Secretario d'Estado do Interior, Justiça e Instrução Publica assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 9 de Março de 1912.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO.
José Fléxa Pinto Ribeiro.

DECRETO N° 1870, DE 16 DE FEVEREIRO DE 1912.

Concede jubilação ao lente cathedratico do Gymnasio "Paes de Carvalho", Henrique de La-Rocque.

O Governador do Estado, attendendo ao que requereu o lente cathedratico da cadeira de allemão do Gymnasio Paes de Carvalho, Henrique de La-Rocque, e tendo em vista o resultado da inspecção medica a que foi submettido, decreta :

Art. Unico—Fica concedida a Henrique de La-Rocque, lente cathedratico da cadeira de allemão do Gymnasio Paes de Carvalho, nos termos do artigo 3º, § 3º, da lei n. 423, de 16 de Maio de 1896, jubilação, como lente do mesmo Gymnasio, com os vencimentos annuaes que actualmente percebe, visto contar mais de trinta annos de serviço no magisterio publico do Estado.

O sr. Secretario de Estado do Interior, Justiça e Instrução Publica, assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado do Pará, 16 de Fevereiro de 1912.

JOÃO ANTONIO LUIZ COELHO.
José Fléxa Pinto Ribeiro.

A Revista

↔Do conhecido professor Henrique de La-Rocque, que seguio para o Velho Mundo, recebemos gentil cartão de despedida.

↔O sr. Porfirio Moreira, irmão do normalista José Alves da Cunha Moreira, agradeceu-nos, por si e sua familia, a noticia que dêmos do prematuro fallecimento do infortunado preceptor.

↔A Bibliotheca Publica do Estado de Sergipe, por seu bibliothecario interino, sr. Oswaldo Silva, accusou e agradeceu o recebimento dos n.ºs. 3 e 4 da Revista.

↔Igual gentileza teve a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, por intermedio do seu 1.º secretario, sr. José A. Boiteux.

↔Do *Almanaque Bittencourt* reproduzimos, com os nossos agradecimentos, as seguintes linhas:

Revista do Ensino

A 7 de setembro de 1911, foi, na cidade de Belem do Pará, publicado o primeiro numero da soberba revista cujo nome encima estas linhas.

E' ella « publicação official de sciencias, letras e especialmente de pedagogia », neste Estado, e tem como Director: Desembargador Augusto Olympio (Secretario de Estado do Interior). Redactor-chefe: Dr. Fléxa Ribeiro. Secretario geral: Olavo Nunes. Redactores: Drs. Leopoldino Lisboa e Juruema Franco.

Tem como collaboradores competentes intellectuaes paraenses, donde destacamos: Drs. R. Moreira de Sousa, João de Figueiredo, Acylino de Leão, Theodoro Braga, Oscar de Carvalho e A. Duck, e Alves de Sousa, Alfredo Lamartine e outros.

E' de feição bellissima, em formato 4.º, impressa em superior papel com 70 paginas, publicando nitidos *clichés* de assumptos de interesse, pedagogicos, sendo publicada a 15 de cada mês.

Não exageramos collocando esta revista, que engrandece as letras brasileiras, na vanguarda das suas congeneres no mundo inteiro.

Sua redacção está installada em uma das salas da Secretaria do Interior (Palacio do Governo), e tem a caixa postal n. 216

Esta utilissima publicação tambem é encontrada á venda na Livraria Bittencourt, na rua 15 de Novembro—15, Pará, Brasil.

Livraria Classica e Commercial

(Reunidas)

Com uma existencia de mais de 40 annos, é de todas as do Pará a mais bem sortida em livros escolares e a que vende por preços mais rasoaveis. É editora dos seguintes compendios, approvados unanimemente pelo Conselho Superior de Instrucção Publica d'este Estado e adoptados para uso das escolas elementares e complementares:

Augusto Ramos Pinheiro

Novissimo Primeiro Livro de Leitura—contando 23 edições.

Segundo Livro de Leitura—com 17 edições.

Terceiro Livro de Leitura ou Escola, Patria e Familia

Obra preciosa para a educação civica da mocidade, com 4 edições.

Eponina de Oliveira Condurú

Livro de Nina—preciosas lições de cousas ao alcance das mais tenras idades.

Ten.^{te} C.^{el} Raymundo Alves da Cunha

Paraenses Ilustres

J. B. de Brito Bastos

Geometria Practica

Manoel João Alves

Collecção de Traslados

Vilhena Alves—(Fran.^{co} F. de)

Compendio de Analyse Moderna

João Gualberto da Costa

Estudos Graduados de Leitura Manuscripta

Tem annexas bem montadas officinas de typographia, movidas a electricidade, encadernação, pautação e fabrica de livros em grande escala, para fornecer a revendedores, a preços sem competencia.

Papeis de todas as qualidades e preços

Quem uma vez comprar na **Livraria Classica** compra sempre

Rua Conselheiro João Alfredo,—59

Caixa Postal—253

Telegramma—**JOTASANTOS.**

PARÁ—BELÉM

LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papeis
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

Fabrica de livros em branco.

Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

Preços reduzidissimos

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM

Consultório Médico Cirúrgico

Largo da Misericórdia, 14 (esquina da Rua 13 de Maio)

Das 9 ás 11 horas da manhã, e das 2 ás 6 da tarde

Dr. Carlos Ornstein



Dr. Acylyno de Leão

Dr. E. d'Utra-Vaz

Dr. Oswaldo Barbosa

Instalação completa de Agentes Physicos

Raios X, Luz de Finsen e Uviol, Electricidade: galvânica, farádica, alta-frequência, banhos hydro-
elétricos, cautério, endoscopia, electrólise,
ionização; Método de Bier, Ar quente,
Massagens. Operações (instrumental
aperfeiçoado, aparelhos de esterilização) Injecções endove-
nosas de Salvarsan (606)

Diagnóstico pelos
Raios X (Radios-
copia e Radiographia)
nas moléstias internas, tu-
mores, fracturas, corpos extran-
hos. Cura pelos Raios X: das Tinhas,
Sycoses da barba, Verrugas, Cancroides,
Cancros do seio, Escróphulas. Cura pela Luz:
do Lupus, Aenes ou Espinhas, Manchas. Trata-
mento pela Electricidade: da Hysteria, Neurasthenia,
Paralysias, Fraqueza geral, Gota, Diabetes, Obesi-
dade, Arteriosclerose, Rheumatismo, Dyspepsias, Vô-
mitos incoerciveis, Prisão de ventre, Varizes, Aneu-
rismas, Metrites. Cura pelo Bier: de Ulceras, Feri-
das atônicas, Furúnculos, Anthrases, Inflammções.

Fialho D'Almeida

(ENSAIO DE ESTHÉTICA DA LINGUA PORTUGUESA)

Crítica d'arte sobre as obras do grande escriptor lusitano, com uma photogravura e uma carta autógrapha.

por FLEXA RIBEIRO

Elegante edição, em papel de linho, da LIVRARIA CLÁSSICA editora, de A. M. Teixeira, de Lisboa.

A' venda nas Livrarias:

Bittencourt, Clássica e no Pará-Chic.

LIVROS NOVOS:

De J. Leite de Vasconcellos :

Lições de Philologia Portuguêsa.

Textos Archáicos (2.^a edição).

De Gonçalvez Viana :

Vocabulario Orthogárfico e Orthoépico

De Epiphânio Dias :

Os Lusíadas, de Luis de Camões, edição critica.
Grammática Histórica da Lingua Portuguêsa (no prelo).

LIVRARIA BITTENCOURT

TYPOGRAPHIA PAPELARIA PAUTAÇÃO

LIVROS de instrução primaria e secundaria, romances, postaes e papeis
de todas as qualidades

METHODOS para piano, violino e outros instrumentos.
OPERAS completas e papel para copiar musica.

O mais variado sortimento de revistas modas e livros religiosos

Grande deposito de musicas classicas e de dança.

Objectos de apurado gosto proprios para presentes.

UNICO deposito dos afamados pianos de
M. F. Rachals & C. e Carl Mand'

Fabrica de livros em branco.

Imagens, Terços, Estampas, Medalhas, e Livros Religiosos

CASA ESPECIALISTA EM JORNAES DE MODA

Preços reduzidissimos

R. L. BITTENCOURT & COMP.

15—Rua 15 de Novembro—15

PARA'—BELEM